



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MIRIAN BRITO DA PENHA

**A CULTURA E A LÍNGUA LINGALA EM CONTEXTO ANGOLANO
(DES)FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

MIRIAN BRITO DA PENHA

**A CULTURA E A LINGUA LINGALA EM CONTEXTO ANGOLANO:
(DES)FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

P457c

Penha, Mirian Brito da.

A cultura e a língua lingala em contexto angolano : (des)fronteiras linguísticas / Mirian Brito da Penha. - 2023.

104 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Angola - Línguas - Mapas. 2. Língua lingala - Angola. 3. Política linguística - Angola.
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 496.39686

MIRIAN BRITO DA PENHA

**A CULTURA E A LINGUA LINGALA EM CONTEXTO ANGOLANO:
(DES)FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: 14/12/2023

Membros da Banca de defesa

Alexandre António Timbane

Prof. Dr. Alexandre António Timbane (Univ. de Int. Int. da Lusof. Afro-Brasileira)

Daniel Peres Sassuco

Prof. Dr. Daniel Peres Sassuco (Universidade Agostinho Neto)

Helena Santos Miguel

Profa. Dra. Maria Helena Santos Miguel (Universidade Católica de Angola)

Basilele Malomalo

Prof. Dr. Basilele Malomalo (Univers. De Int. Inter. Da Lusof. Afro-Brasileira)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por eu ter chegado até aqui e que permitiu que eu conseguisse alcançar minhas metas durante todos esses anos de curso. Por ter me dado saúde, forças, coragem, confiança e determinação para que eu pudesse alcançar todos meus objetivos e não desistir nos momentos mais difíceis dessa graduação.

Em segundo lugar agradeço aos meus pais Ana Maria Brito da Penha e Lauro da Penha, aos meus irmãos Daniel Brito da Penha e Sara Brito da Penha e aos meus sobrinhos David da Penha, Lucas da Penha e Samuel da Penha. Por tudo que tem feito por mim minha Gratidão.

Agradeço as minhas irmãs Janaina do Santos Costa e Edilene Barbosa do Carmo. Essas foram fundamentais em todo meu processo de crescimento antes mesmo de eu sonhar em fazer uma graduação. Vocês sabem o quanto são especiais pra mim, o quanto que sem vocês eu não conseguiria chegar até aqui neste momento para a conclusão do curso. Obrigada pelas palavras de conforto, pelas assistências, pelo incentivo, pelos puxões de orelha, pelo carinho e pelo afeto. Sou grata por terem vocês na minha vida minhas irmãs. A vocês expresso meu maior agradecimento amo as duas intensamente.

Agradeço ao meu namorado Rosario João Fernando Quiala pela parceria, incentivo e dedicação. Agradeço pelos risos e choros, pelos dias bons e os dias não tão bons assim, pelos momentos onde você poderia, mas não largou a minha mão. Obrigada por ter me apoiando direta e indiretamente. Matondi bolingo na ngai.

Agradeço a Angelica Guimarães que com seu carinho e atenção dedicou parte do seu tempo a me incentivar a estudar, a me desenvolver e a compreender algumas situações e passar por alguns obstáculos da vida podendo alcançar meus objetivos. A Senhora me orientou de forma que ampliei minha visão de mundo, busquei ler livros e me dedicar aos estudos. Obrigada por sempre me incentivar, sempre me dar um livro pra ler isso foi fundamental para eu estar aqui hoje minha eterna gratidão.

Agradeço ao meu orientador Alexandre Antônio Timbane por ter aceitado ser meu orientador, ter embarcado nessa aventura comigo e ter torando a minha monografia essa coisa maravilhosa. Obrigada por ter desempenhado essa função que é ser orientador com carinho, dedicação, respeito, amizade e seriedade. Obrigada por ter confiado em mim, por ter me colocado em projetos e atividades que auxiliou no meu desenvolvimento e ter dedicado parte do seu tempo a me orientar.

Agradeço ao professor Eduardo Ndombele por me auxiliar também em alguns momentos da minha monografia, pelo fornecimento de dados, materiais, e por ter cedido entrevista que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa de Iniciação científica sobre os povos Khoisan de Angola que me auxiliou em algumas teorias e plantou a semente de pesquisadora em mim.

Aos meus amigos pelo carinho e que sempre estiveram do meu lado me dando apoio durante esse período em que me dediquei ao meu curso agradeço pela amizade incondicional. São tantos que foram especiais na minha vida, mas de forma especial destaco aqui alguns deles: Rosadina Tomás, Suzete José, Flavia Badaró, José Filipe, Roseane Neris, Givanildo Melo (In memory), Paulo Henrique (In Memory), Nelson Martins, Ernesto Bento Figueiredo, Higino Simão, José Betuel, Malungo Job Mateva, Elias Flores, Dalila Ribeiro, Ariele Santos Patrícia Maria, Maria Vitoria, Daniela Santana, Priscila Guimarães, e todos os outros que não foram mencionados aqui e que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado: minha profunda gratidão.

RESUMO

Angola possui uma conjuntura linguística multilíngue composta por mais de uma dezena de línguas pertencentes aos grupos bantu, khoisan e vátua. Para além destas convive a língua gestual angolana, línguas de origem europeia e asiática, cada uma ocupando espaço na vida do povo. As línguas faladas em países vizinhos penetraram em Angola no séc. XXI, por razões geopolíticas, históricas e económicos acomodando-se, mesmo não sendo reconhecidas pelos nacionais. É o caso de Lingala (C36d), uma língua bantu falada por mais de 20 milhões como L1 e cerca de 30 milhões como L2, na República Democrática de Congo, na República de Congo, na República Centro Africana e parte da República de Camarões, Gabão e Kenya. Essa língua também é falada em Angola, especialmente nas províncias do Norte e na capital, Luanda, daí que se questiona qual o lugar do lingala na política e no planeamento linguístico de Angola? O lingala está presente no cotidiano dos angolanos, expressando a cultura e tradições; O lingala contribui para a diversidade linguística e provoca parcerias linguísticas, culturais, económicos com cidadãos nacionais e internacionais. O lingala une povos, estimula a construção do conhecimento além-fronteiras porque é uma língua com tradição escrita. Em geral, a pesquisa analisa a situação do lingala nos aspectos da política e do planeamento linguístico em contexto angolano. Especificamente, debate a política linguística angolana e a sua relação com a cultura dos povos que falam o lingala em Angola; explica em quais contextos é utilizada; reconhece a importância da língua para o desenvolvimento endógeno e combate o preconceito contra a língua e os povos que falam lingala. A pesquisa é relevante porque vai sensibilizar a inclusão do lingala nas línguas angolanas; chamará atenção para o estabelecimento de políticas linguísticas que fomentam o ensino, assim como a identificação das províncias, municípios e comunas onde se fala esta língua. Com isso pode-se desenvolver políticas de desenvolvimento endógeno em colaboração com países que falam a língua, assim como o combate ao preconceito. Trata-se de uma pesquisa documental e exploratória embasada na pesquisa quantitativa para análise de dados. Usando um questionário (formulário Google) composto por 30 perguntas abertas e fechadas coletou dados de 103 informantes todos angolanos, que falam ou entendem a língua lingala. O questionário foi distribuído por meio das redes sociais e teve a duração de seis (6) dias. Este instrumento de coleta não foi submetido ao Comitê de Ética porque as leis brasileiras não teriam validade jurídica em contextos de Angola. Os dados da pesquisa mostram que o lingala tem sua expansão em 10 províncias de Angola, sendo a terceira maior língua falada em casa. O uso do lingala em Angola foi introduzida por meio da oralidade, por imigrantes e emigrantes e é muito

importante na vida da sociedade, especialmente no comércio, como entre os amigos da comunidade. Da pesquisa se conclui que o lingala é símbolo de unidade entre diferentes etnias angolanas pelo fato de ser uma língua franca, de expressão da cultura, da arte, das relações familiares dentro e fora de Angola e do comércio. Há preconceito linguístico e cultural em relação à língua Lingala e seus falantes por entenderem que Lingala é língua dos congoleses. É necessário que a sociedade angolana reconheça a importância do lingala no território angolano, pois seus falantes têm o direito ao uso de sua língua em todo meio de comunicação.

Palavras-chave: Angola - línguas - mapas; língua lingala - Angola; política linguística - Angola.

NA MOKUSE

Angola ezali na nkótá mingi oyo esangisi nkótá koleka zomi na mibale ya bituluku ya Bantu, Khoisan mpe Vatu. Longola yango, elobeli ya bajeste ya Angola, minoko ya Mpoto mpe ya Azia ezali mpe na esika na yango, mokomoko ezali na esika na yango na bomoi ya bato. Minoko oyo elobamaka na bikólo ya zingazinga ekotaki na Angola na ekeke ya mibale ya ntango na biso. Mpo na bantina ya géopolitique, ya histoire mpe ya nkita, bato ya bikólo yango bazali komiyokanisa, ata soki bato ya bikólo na bango bandimi bango te. Ezali bongo Lingala (C36d), lokótá ya Bantu oyo elobamaka na bato koleka milio 20 lokola L1 mpe pene na milio 30 lokola L2 na République démocratique ya Congo, na République ya Congo, na République centrafricaine mpe na biteni ya République du Cameroun, Gabon mpe Kenya. Lokótá yango elobamaka mpe na Angola, mingi mpenza na bitúká ya Nord mpe na engumba-mokonzi, Luanda, yango wana tokoki komituna esika nini lingala ezali na politiki mpe na mwango ya lokota ya Angola? Lingala ezali na bomoi ya mokolo na mokolo ya bato ya Angola, ezali kolakisa bonkoko mpe bonkoko na bango; Lingala ezali kopesa maboko na bokeseni ya lokota mpe ezali kopesa nzela na boyokani ya lokota, ya bonkoko, ya nkita na bato ya mboka mpe bapaya. Lingala ezali kosangisa bato, ezali kopesa makasi na kotonga boyebi oyo eleki ndelo mpo ezali lokota oyo ezali na bonkoko ya kokoma. Mbala mingi, bolukiluki yango etalelaka ezalela ya lingala na makambo ya politiki mpe ya mabongisi ya lokota na esika ya bato ya Angola. Na ndakisa, ezali kolobela politiki ya lokota ya Angola mpe boyokani na yango na bonkoko ya bato oyo balobaka lingala na Angola; ezali kolimbola esika nini ezali kosalelama; ezali kondima ntina ya lokota mpo na bokóli ya mboka mpe ezali kobundisa makanisi mabe na ntina na lokota mpe bato oyo balobaka lingala. Bolukiluki oyo ezali na ntina mpo ete ekobakisa boyebi mpo na kokotisa lingala na kati ya minoko ya Angola; ekobenda likebi mpo na kokoma mibeko ya lokota oyo ezali kolendisa mateya, mpe koyeba ba provinces, ba communes mpe ba communes oyo balobaka lokota oyo. Na yango, bakoki kosala politiki mpo na bokóli ya mboka na bango na boyokani na bamboka oyo balobaka lokótá yango, mpe mpo na kobundisa makanisi mabe. Ezali bolukiluki ya mikanda mpe bolukiluki ya koyeba makambo oyo euti na bolukiluki ya motuya mpo na koyeba makambo. Na kosaleláká molongó ya mituna (Google form) oyo esangisi mituna 30 ya polele mpe ya kokanga, asangisaki makambo ya bato 103 oyo bapesaki bansango, bango nyonso bazalaki bato ya Angola, oyo balobaka to basosolaka Lingala. Mituna-lisolo yango ekabolamaki na nzela ya ba réseaux sociaux mpe eumelaki mikolo motoba (6). Ebongiseli oyo ya kokongola mbongo etindamaki te na Komite ya Etos mpo mibeko ya Brésil ezalaki na

ntina te na mibeko ya Angola. Baankete emonisi ete Lingala ezali kolobama na bitúká 10 ya Angola, mpe ezali monoko ya misato oyo elobamaka mingi na ndako. Kosalela lingala na Angola eyaki na nzela ya maloba, na bapaya mpe bapaya mpe ezali na ntina mingi na bomoi ya bato, mingimingi na mombongo, lokola kati ya baninga ya bato. Bolukiluki emonisi ete Lingala ezali elembo ya bomoko kati na bikólo ndenge na ndenge ya Angola mpo ezali monoko oyo elobamaka na bato nyonso, elobeli ya bonkoko, ya ntoki, ya boyokani kati na mabota na Angola mpe na mikili misusu mpe ya mombongo. Ezali na makanisi mabe ya lokota mpe ya bonkoko na ntina na Lingala mpe bato oyo balobaka yango mpo bakanisaka ete Lingala ezali monoko ya ba Congolais. Ezali na ntina ete bato ya Angola bayeba ntina ya Lingala na mboka Angola, mpo ete bato oyo balobaka yango bazali na lotomo ya kosalela lokota na bango na bisika nyonso ya kosolola.

Maloba ya ntina: Angola - minoko - bakarte; Monoko ya Lingala - Angola; politiki ya lokota - Angola.

RÉSUMÉ

L'Angola dispose d'un environnement linguistique multilingue composé de plus d'une douzaine de langues appartenant aux groupes bantous, khoisan et vatua. En plus de celles-ci, coexistent la langue des signes angolaise, les langues d'origine européenne et asiatique, chacune occupant une place dans la vie des gens. Les langues parlées dans les pays voisins ont pénétré l'Angola au XIX^e siècle. XXI, pour des raisons géopolitiques, historiques et économiques, accommodantes, même si elles ne sont pas reconnues par les nationaux. C'est le cas du Lingala (C36d), langue bantoue parlée par plus de 20 millions de personnes en L1 et environ 30 millions en L2, en République Démocratique du Congo, en République du Congo, en République Centrafricaine et dans une partie de la République du Congo. Cameroun, Gabon et Kenya. Cette langue est également parlée en Angola, notamment dans les provinces du nord et dans la capitale, Luanda, d'où la question qui se pose : quelle est la place du lingala dans la politique et la planification linguistique de l'Angola ? Le lingala est présent dans la vie quotidienne des Angolais, exprimant sa culture et ses traditions ; Le lingala contribue à la diversité linguistique et suscite des partenariats linguistiques, culturels et économiques avec des citoyens nationaux et internationaux. Le lingala rassemble les peuples et encourage la construction de connaissances au-delà des frontières car c'est une langue de tradition écrite. En général, la recherche analyse la situation du lingala sous l'angle de la politique linguistique et de la planification dans le contexte angolais. Plus précisément, il débat de la politique linguistique angolaise et de sa relation avec la culture des personnes qui parlent le lingala en Angola ; explique dans quels contextes il est utilisé ; reconnaît l'importance de la langue pour le développement endogène et combat les préjugés contre la langue et les personnes qui parlent le lingala. La recherche est pertinente car elle sensibilisera à l'inclusion du lingala dans les langues angolaises ; attirera l'attention sur la mise en place de politiques linguistiques favorisant l'enseignement, ainsi que sur l'identification des provinces, municipalités et communes où cette langue est parlée. Cela signifie que des politiques de développement endogènes peuvent être développées en collaboration avec les pays qui parlent la langue, ainsi que la lutte contre les préjugés. Il s'agit d'une recherche documentaire et exploratoire basée sur des recherches quantitatives pour l'analyse des données. À l'aide d'un questionnaire (formulaire Google) composé de 30 questions ouvertes et fermées, des données ont été collectées auprès de 103 informateurs, tous angolais, qui parlent ou comprennent la langue lingala. Le questionnaire a été diffusé à travers les réseaux sociaux et a duré six (6) jours. Cet instrument de collecte n'a pas été soumis au Comité d'éthique car les lois brésiliennes

n'auraient pas de validité juridique dans les contextes angolais. Les données de recherche montrent que le lingala se développe dans 10 provinces d'Angola, ce qui en fait la troisième langue parlée à la maison. L'usage du Lingala en Angola a été introduit oralement, par les immigrants et les émigrés et est très important dans la vie de la société, notamment dans le commerce, ainsi qu'entre amis de la communauté. La recherche conclut que le Lingala est un symbole d'unité entre les différentes ethnies angolaises, car il s'agit d'une lingua franca, une expression de la culture, de l'art, des relations familiales à l'intérieur et à l'extérieur de l'Angola et du commerce. Il existe des préjugés linguistiques et culturels par rapport à la langue lingala et à ses locuteurs car ils comprennent que le lingala est la langue des Congolais. Il est nécessaire que la société angolaise reconnaisse l'importance du lingala sur le territoire angolais, car ses locuteurs ont le droit d'utiliser leur langue dans toutes les formes de communication.

Mots-clés: Angola - langues - cartes; langue lingala - Angola; politique linguistique - Angola.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Distribuição dos grupos etnolinguísticos de Angola	45
Mapa 2	Origem geográfica da língua Lingala (No mapa está registrado como Ngala)	50
Mapa 3	Localização do Lingala na RDC	52
Mapa 4	Localização do Lingala na RC-Brazzaville	53
Mapa 5	Expansão da língua Lingala em Angola	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Nível de escolaridade dos informantes da pesquisa	67
Gráfico 2	Nível do que é lido em língua Lingala	70
Gráfico 3	Uso da escrita em língua Lingala	71
Gráfico 4	Compreensão da língua Lingala	71
Gráfico 5	Com quem aprendeu a falar em língua Lingala	72
Gráfico 6	Em qual meio social se fala a língua Lingala	73

LISTAS DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Distribuição das línguas africanas	28
Quadro 2	Frases em Lingala	56
Tabela 1	Comparação da compressão das músicas congoleesas e angolanas	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

DUDL - Declaração Universal dos Direitos Linguísticos

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

INE - Instituto Nacional de Estatística de Angola

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

L3 - Terceira Língua

LGA - Línguas Gestuais Angolanas

LP - Língua Portuguesa

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

OUA - Organização da Unidade Africana

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

RDC - República Democrática do Congo

RC - República do Congo

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CAPÍTULO 1: A POLÍTICA LINGUÍSTICA EM ANGOLA	23
2.1	A CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA	23
2.2	A POLÍTICA LINGUÍSTICA CRÍTICA: DECISÕES QUE PERIGAM AS LÍNGUAS	33
2.3	POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO	33
2.4	ANÁLISE DA POLÍTICA DA LÍNGUA OFICIAL	34
2.5	O CONCEITO DE LÍNGUAS MEMORIZADAS	35
2.6	ANALISANDO OS DEBATES SOBRE A LÍNGUA MATERNA	37
2.7	LÍNGUA NACIONAL	39
2.8	LÍNGUAS DE FRONTEIRAS	46
3	CAPÍTULO 2: A LÍNGUA LINGALA COMO LÍNGUA MATERNA E NACIONAL DOS ANGOLANOS	49
3.1	A ORIGEM DO LINGALA E SUA LOCALIZAÇÃO NA ÁFRICA	49
3.2	OS CONTEXTOS DE USO E RELEVÂNCIA DA LÍNGUA LINGALA EM ANGOLA, NA RDC E NA RC	51
3.3	LÍNGUA E CULTURA NA LÍNGUA LINGALA	54
4	CAPÍTULO 3: DOCUMENTOS INTERNACIONAIS SOBRE AS LÍNGUAS	60
4.1	O CONCEITO DE DOCUMENTOS INTERNACIONAIS	60
4.2	ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INTERNACIONAIS EM CONTEXTO DAS LÍNGUAS ANGOLANAS	61
5	CAPÍTULO 4: METODOLOGIA E ANÁLISES	64
5.1	CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	64
5.2	ANÁLISE DE DADOS	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICE	94

1 INTRODUÇÃO

Angola é um país africano situado na Costa da África Ocidental. Seu território é delimitado ao Norte e Nordeste pela República Democrática do Congo (doravante RDC), ao Leste pela Zâmbia e ao Sul pela Namíbia, ao Oeste é banhado pelo Oceano Atlântico e, por meio do enclave de Cabinda (Província da região Norte), faz fronteira com a República do Congo (doravante RC). Angola tem a sua divisão política e administrativa constituída atualmente por dezoito (18) províncias: Luanda (Capital angolana), Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Malange, Lunda Norte, Lunda Sul, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Moxico, Bié, Benguela, Huambo, Huíla, Cunene, Kwando Kubango e Namibe. O país ainda conta com 162 municípios, 559 comunas, e uma população com 25.789.024 milhões de habitantes, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2016).

O nome Angola tem a sua origem no título dos Reis Ambundu Kinbundu, que existiu no antigo Reino do Ndongo, entre Ambaca e Mphungo-Yandongo, as atuais províncias do Kwanza Norte, Kwanza Sul, Bengo e Malange. “etimologicamente o termo é do glosónimo kimbundu, traduzido em língua portuguesa significa “força”. O termo foi adaptado pelo colonizador e resultou o nome do belo e grande país situado na parte austral de África que é hoje a República de Angola.” (Ndombele, 2017, p. 34 grifo do autor). Angola, assim como outros países do continente africano por vários séculos, sofreu a colonização portuguesa e a sua independência se deu em 11 de novembro de 1975, após um longo período de colonização, com períodos e episódios de muitas guerras, para a população angolana.

Angola é um país subdesenvolvido em que “cerca de um terço dos 34 milhões de angolanos vive com menos de 2,15 dólares por dia (paridade de compra de 2017), o que corresponde a 11,7 milhões de pessoas em 2023”, de acordo com o Banco Mundial (2023). Este país é um dos maiores produtores de petróleo da África subsaariana, o que não justifica tamanha pobreza que se reflete na qualidade de vida e da educação. As taxas de alfabetismo a nível nacional em Angola chegam a 66% sendo que 41% da população angolana sabe ler e escrever vive em zonas rurais e 79% vive em área urbana. Além disso, os homens possuem um número maior de alfabetizados que as mulheres, sendo que 80% homens sabem ler e escrever e 20% não são alfabetizados. Já no caso das mulheres 53% das mulheres sabem ler e escrever e 47% não são alfabetizadas. Além disso a população idosa conta com a maioria dos analfabetos sendo 73% contra 27% dos idosos angolanos que leem e escrevem, (INE, 2016). Como se pode ver as diferenças de gênero ainda são marcantes no povo angolano em que os homens se colocam mais superiores comparativamente às mulheres. Estes dados resultam do

fato de que nas culturas angolanas, as mulheres são incentivadas a aprender trabalhos domésticos e não para estudar. Entendendo que as políticas de educação devem integrar e incentivar a frequência da rapariga na escola. Esta atitude resulta da cultura machista e patrilinear, assim como das desigualdades de gênero que são peculiares nas culturas africanas.

Em Angola habitam povos do grupo bantu e khoisan ambos com características culturais próprias que incluem tradições e línguas distintas tanto na sua origem, quanto nas práticas. A grande maioria dos povos khoisan ainda está isolada na floresta até porque jamais foi feito um recenseamento desse grupo populacional que originalmente são povos da região Austral da África (Olderogge, 2010). Uma parte dos khoisan está sendo incorporada na vida urbana. As hipóteses deste deslocamento são: guerras civis que ameaçaram a permanência dos khoisan da floresta; problemas de escassez de alimentos devido à seca e mudanças climáticas e; ocupação de suas terras pelos bantu.

Os khoisan são tidos como exóticos, sem história e sem línguas próprias e que merecem ser integrados à vida moderna. Com pouca participação ativa na realidade da sociedade angolana, as línguas dos khoisan estão em perigo de extinção e não recebem nenhum incentivo do governo angolano para ser disseminadas e ainda existem raríssimos estudos sobre estes povos. O conceito de língua é muito complexo, e depende de cultura para cultura de tradição para tradição:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2012, p. 41).

Portanto, podemos dizer que a língua é um dos meios de comunicação humana característico de seres humanos constituído por um sistema gramatical que dá ao falante a possibilidade de se expressar de forma particular, permitindo que esse falante exprima sentimentos, ideias e pensamentos sobre o presente, passado e futuro. Na língua se esconde traços da cultura, das tradições e de identidades dos falantes. Além disso, a língua possui status e desfruta de todo o prestígio concedido e reconhecido pelos seus falantes. Por isso cada língua é usada a partir da política linguística oferecida por esse grupo social. Por exemplo, numa cerimônia de evocação de antepassados, há uma determinada língua para esse fim. Uma língua para o ensino formal também é marcada e determinada pela política linguística. Na língua é possível de ser estudada desde o passado e o presente, pelo fato de ser um “ser vivo” que nasce, cresce, se desenvolve, se mantêm e depois morre. De acordo com

Saussure (2012) “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (Saussure, 2012, p. 123, grifo do autor).

Segundo Gomes (2014), os falantes das línguas locais angolanas de origem africana, por exemplo, se subordinam ao português, língua hegemônica sob o ponto de vista da política linguística, neste caso. Por intermédio desta língua, os angolanos entram em contato com outros povos, com outros conhecimentos científicos, com outros produtos de consumo externos, com Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Com relação às línguas africanas em Angola, cada língua tem as suas funções e lugares de uso. Há línguas para contextos profissionais, ritos de passagem, casamentos e outras práticas culturais. O Lingala (uma língua bantu com mais locutores na região central da África) é uma língua presente em Angola, falada em sua maioria nas províncias da região Norte do país como Cabinda, Uíge, Zaire, em municípios da Lunda Norte, no Bengo e na capital do país, Luanda. Essa língua também é falada na Europa, falada por emigrantes africanos. Trata-se de uma língua de acolhimento e franca entre africanos fora da África. Na África, o Lingala é falado no Gabão, no Congo (Brazaville) e na República Democrática do Congo (Kinshasa). O Lingala em Angola é dado como uma língua restrita, sem muita importância/relevância, sendo que é uma língua de comércio que contribui no processo de desenvolvimento socioeconômico por meio de relações comerciais especialmente nas regiões fronteiriças. De acordo com Sturza (2006),

Nas zonas de fronteira, nas quais o contato humano é mais intenso e a mobilidade das populações contribui para intensificar o cruzamento das línguas Praticadas, a extensão e o uso das línguas estão constituídos por uma dinâmica muito particular, determinando inclusive uma política de línguas que se organiza, neste caso, a partir de um lugar que lhe atribui o falante (Sturza, 2006, p. 35).

Nesse sentido, podemos dizer que as línguas de fronteiras funcionam de acordo às relações de contato entre os falantes daquelas determinadas regiões. As zonas de fronteira são turbulentas linguisticamente porque circulam falantes de línguas das suas fronteiras. As interações socioculturais são mais intensas e provocam em algum momento uma mistura linguística fronteiriça. Na fronteira entre o Brasil e Paraguai se fala “portunhol”¹, mas também a língua guarani nas duas fronteiras.

¹ É um português mesclado com palavras e elementos fonéticos do espanhol ou pretensamente do espanhol, usado por falantes de português na sua comunicação com hispanófonos ou vice-versa.

O Lingala passa de fronteira em fronteira, manifestando a presença por meio de músicas que misturam ritmos e danças característicos da África. Por meio do contato familiar (casamentos de angolanos com outras nacionalidades), o Lingala passa de geração em geração, criando laços familiares, de amizade e comerciais até porque os limites geopolíticos são diferentes dos limites culturais (Timbane, 2022). Diante das evidências desta realidade sociolinguística de Angola se questiona qual é o lugar do Lingala na política e no planejamento linguístico de Angola?

Da pergunta inicial se colocam as seguintes respostas provisórias: (i) A língua Lingala é uma das línguas bantu que faz parte do cotidiano de vários países, como é o caso de Angola, que faz referência mundial da língua através de sua cultura; (ii) A língua Lingala contribui para a diversidade linguística e provoca parcerias linguísticas, culturais, econômicos com cidadãos nacionais e internacionais. (iii) O Lingala estimula a construção do conhecimento além-fronteiras porque é uma língua com padronização da escrita. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa é de analisar a língua Lingala em contexto de Angolana buscando compreender o lugar que ela ocupa e o impacto na vida das populações a fim de identificar formas de aceitação do Lingala em Angola. O estudo contribui para o combate do preconceito linguístico com relação aos falantes de Lingala.

O objetivo da pesquisa será analisar a situação da língua Lingala nos aspectos da política e do planejamento linguístico angolano. Especificamente, esta pesquisa visa debater a política linguística angolana e a sua relação com a cultura dos povos que falam a língua Lingala em Angola, conhecendo a língua Lingala por meio da cultura angolana, descobrindo os fatores que influenciaram na introdução da língua Lingala em Angola, e identificando quais os povos e em quais regiões de Angola falam a língua Lingala.

A pesquisa é relevante porque vai sensibilizar a inclusão do Lingala nas línguas angolanas; chamará atenção para o estabelecimento de políticas linguísticas que fomentam o ensino, assim como a identificação das províncias, municípios e comunas onde se fala esta língua. Com isso pode-se desenvolver políticas de desenvolvimento endógeno em colaboração com países que falam a língua, assim como o combate ao preconceito. Trata-se de uma pesquisa documental e exploratória embasada na pesquisa quantitativa para análise de dados. Usando um questionário (formulário Google) composto por 30 perguntas abertas e fechadas coletou dados de 103 informantes todos angolanos, que falam ou entendem a língua Lingala. O questionário foi distribuído por meio das redes sociais e teve a duração de seis (6) dias. Este instrumento de coleta não foi submetido ao Comitê de Ética porque as leis brasileiras não teriam validade jurídica em contextos de Angola. A presente pesquisa visa chamar atenção

para a sociedade angolana que em muitos momentos é preconceituosa com relação aos estrangeiros, especialmente os falantes de Lingala.

Esta monografia está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo discutiu-se a política linguística em Angola, analisando os contextos sociolinguísticos, a Política Linguística crítica: decisões que perigam as línguas e os Documentos internacionais sobre as línguas: política linguística internacional. No segundo capítulo trouxemos a política linguística na RDC buscando entender Situação sociolinguística na República Democrática do Congo e as relações entre congoleses e angolanos. Quanto ao terceiro capítulo tivemos em vista apresentar o contato que existe entre angolanos e congoleses, destacando contato de cultura e o contato de línguas. No quarto capítulo foi apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa e coleta de dados, como também a análise e discussão dos resultados alcançados e as entrevistas desempenhadas. Por fim, a monografia apresenta as conclusões e as referências bibliográficas utilizadas durante a realização da pesquisa. De lembrar que a pesquisa não encerra as discussões sobre este tema. Chama atenção para reflexões permanentes sobre as línguas em Angola. A pesquisa deixa em aberto para que haja mais debates sobre esta temática. Que o preconceito linguístico seja rechaçado em Angola porque é possível que haja desenvolvimento endógeno por meio das línguas locais (Timbane, 2022).

2 CAPÍTULO 1: A POLÍTICA LINGUÍSTICA EM ANGOLA

No presente capítulo, abordaremos acerca das políticas linguística de Angola descrevendo a situação das línguas em contexto sociocultural angolanos e destacando as políticas linguísticas críticas do território angolano.

2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Assim como outros países africanos, Angola é um país diversificado que tem uma conjuntura linguística multilíngue e plurilíngue. A extensão territorial angolana é composta por vários povos endógenos, que se expressam verbalmente por meio de suas línguas e variantes africanas. Os idiomas falados em Angola são línguas e não dialetos, tal como a ideologia colonial delimitava. Oliveira (2016) explica um pouco sobre como se caracteriza o multilinguismo e o plurilinguismo numa comunidade, sociedade ou país.

o termo que aponta para a presença de várias línguas numa localidade ou sociedade o *multilinguismo*, um termo descritivo, portanto. *Plurilinguismo*, em contraste, seria o termo que aponta para uma valorização positiva deste multilinguismo, a sua utilização como efetivo recurso para a vida das pessoas envolvidas nas práticas comunicativas em questão, para as instituições e para o país (Oliveira, 2016, p. 69, grifo do autor).

O plurilinguismo não constitui um problema para a sociedade por isso deve ser encarado como uma herança milenária e tradicional que precisa ser preservada para que não morram ao longo do tempo. É necessário então que a sociedade angolana compreenda que em um país de *muitas línguas*, há o plurilinguismo e a criação de políticas linguísticas se fazem necessárias no território angolano.

Todas as políticas linguísticas falhas e exclusivas prejudicam línguas do grupo étnico e da sociedade que as falam. É importante que os Governos envolvam a sociedade na decisão sobre políticas das línguas. Nesta pesquisa entendemos que todas as línguas têm o mesmo valor, têm a mesma capacidade e expressam a realidade de um povo, por isso é necessário que esta relação seja reforçada por meio de estabelecimento de políticas linguísticas que promovam, que preservam.

De acordo com Quino (2009), a população angolana é majoritariamente formada por povos de origem bantu, povos khoisan, e descendentes de europeus. Em Angola existe três grupos linguísticos diferentes: os bantu, os khoisan e os vátua, onde cada grupo possui

características culturais e linguísticas que trazem consigo hábitos, costumes e tradições únicas de cada povo.

Em geral, os estudos acerca do panorama linguístico estabelecem uma classificação linguística que aloca línguas angolanas de origem africana e línguas de origem europeia. No primeiro grupo, aparecem elencadas as línguas bantu, khoisan e vátua. Do outro lado, aparece o inglês, o francês, o espanhol e o português (Santana, 2022, p. 17-18).

Para Mudiambo (2013, p. 19) “Angola é constituída em sua maioria pelos povos etnolinguísticos de origem bantu, sendo os seguintes grupos: Bakongo, com a língua Kikongo, Ambundu ou Akwambundu, com a língua Kimbundu, Ovimbundu, com a língua Umbundu, Lunda Cokwe, com a língua Cokwe, Ngangela: Nyaneka-Humbe ou Nkhumbi, com a língua Lunyaneka e Lukhumbi, Ovambo, com a língua Kwanyama, Helelo ou Herero, com a língua Tjihelelo”. Os povos de origem bantu representam a maioria das comunidades tradicionais em Angola, sendo no total nove povos, de acordo com Mudiambo (2013). Cada um dos povos possui suas próprias identidades culturais e linguísticas.

Antes de abranger mais as discussões sobre as temáticas, nos pontos mais abaixo dessa pesquisa, iremos abordar aspectos mais particulares dos povos Ovimbundu e Bakongo para que possamos compreender a complexidade sociocultural de um povo. Os bakongo e os ovimbundu servirão de amostra para esse propósito. A escolha desses dois grupos se justifica pelo fato de os ovimbundu e bakongo serem povos numerosos, de acordo com INE (2014) e além de os bakongo possuir um contato com as regiões fronteiriças ao Norte de Angola, e com a língua Lingala, tema central da nossa pesquisa.

Segundo Sacalembe (2021), os povos ovimbundu são povos de origem bantu que podem ser encontrados na região Central de Angola, onde podem ser localizados nas províncias como Huambo, Bié e Benguela. Os ovimbundu migraram para essas províncias fugindo das constantes guerras no país e estenderam-se em praticamente todo território angolano, em busca de emprego e vida social instável. Atualmente os ovimbundu são o segundo maior grupo etnolinguístico, como explica Monteiro, (2014).

Também de origem bantu, o grupo etnolinguístico ovimbundu estende-se no território a meio da metade oeste de Angola, subindo à beira mar para as terras altas. A região é composta pelas províncias político-administrativas do Huambo, Bié e Benguela, e estende-se ainda pelas províncias da Huíla, Kwanza Sul e Namibe. Tendo como língua o umbundu, o grupo é formado pelas seguintes variantes: Bié, Bailundo (Mbalundo), Sele, Zumbi, Sumbi, Mbuvi, Kacisanje, Obundu, Bumbu, Mdombe, Muhanya, Nganda, Huambo, Sambu, Kakonda e Cikuma. Com 37% da população do país, é o maior grupo etnolinguístico de Angola (Monteiro, 2014, p. 28).

Ainda falando sobre os grupos etnolinguístico de raiz bantu, destacamos aqui os povos bakongo, grupo étnico bantu que vive numa larga faixa ao longo da Costa Atlântica da África, desde o Sul do Gabão até às províncias angolanas do Zaire (M'banza Congo), Uíge, passando pela República do Congo, pelo enclave de Cabinda e pela República Democrática do Congo.

Para Bengui e Timbane (2020, p. 202, grifo dos autores) “a gramática das línguas bantu funciona com base nos prefixos. Por isso, o Ba no nome Bakongo é prefixo do plural e kongo é o nome da etnia. Portanto, Ba+Kongo=Bakongo que significa **os kongos** em português”. Além disso, em Angola, o termo *Mukongo* é utilizado para representar o singular que em português significa *o Kongo*. Sendo assim, na gramática das línguas de origem bantu, não é necessário acrescentar o “s” para destacar o plural ao final das palavras. A formação do nacionalismo Bakongo em Angola se dá mediante as constantes guerras no país e nos países de fronteira da região norte, ocasionando o isolamento desse grupo étnico dos outros grupos presentes no território angolano.

A vivência no país vizinho e o enquadramento missionário protestante reforçaram a formação de um nacionalismo bakongo mais em consonância com o contexto congolês que com o angolano. Assim, a reação ao isolamento angolano pela integração regional e étnica, por parte dos Bakongo, promoveu um nacionalismo de cariz marcadamente étnico e, por conseguinte, relativamente isolado do resto de Angola. Estamos aqui nos referindo aos movimentos já aludidos: UPNA, depois UPA e finalmente FNLA, além de outros movimentos menores (Pereira, 2008, p. 36).

Devido as constantes lutas anticoloniais em busca da independência de Angola no período de (1961-1974) envolvendo os primeiros movimentos nacionalistas, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), que lutavam também uns contra os outros, os Bakongo residentes no Norte do país fugiram para o Zaire (atual República Democrática do Congo), em busca de paz. Após 14 anos de luta, Angola alcança sua independência contra os portugueses em 11 de novembro de 1975 por meio do MPLA, e ocorre uma nova inserção dos Bakongo no território angolano.

Após a independência de Angola em 1975, a nacionalização dos Bakongo em Angola estava em um novo processo de formação social e cultural muito lento. Esse fato se deu devido ao regresso para Angola, pois dos, 13,5% dos bakongo que se encontravam no Congo, refugiados apenas 8,5% deles regressaram ao país, a outra parcela decidiu permanecer fora de Angola (Pereira, 2008).

Não demorou muito e iniciou-se outra *guerra civil* no período de 1975 e 2002, entre o MPLA, contra os outros dois grupos, (FNLA e UNITA). Como resultado dessa guerra interna, ocorreu uma nova migração dos Bakongo para fora de Angola, como para algumas regiões no interior do país em busca de exílio e lugares seguros para viver.

Outro momento que marca o período pós-colonial é a guerra civil, que se arrastou de 1975 a 2002. Trata-se de um conflito travado por dois dos principais partidos políticos de Angola: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Esse conflito promoveu a migração interna de vários grupos, que procuravam lugares seguros e, conseqüentemente, foi surgindo uma mistura cultural entre os povos (Kanusse, 2022, p. 49).

Em 04 de abril de 2002 houve um acordo de paz entre os grupos independentistas MPLA e UNITA, cessando os conflitos armados no país, e esse aspecto foi fundamental para a nacionalização dos bakongo no território angolano onde os mesmos regressam para o país celebrando a paz em Angola.

Victor (2021, p.17), afirma que “esses indivíduos que se refugiaram no RDC, ao voltarem em Angola, recebem o estigma de regressados, termo que está associado aos refugiados da República Democrática do Congo”. Os *regressados* angolanos vindos do Congo povoaram as províncias do Norte de Angola, (Zaire, Uige e Cabinda), onde falavam a língua Lingala e já mantinham relações familiares e era mais fácil regressar ao congo pelas regiões de fronteira caso necessário. Os regressados da República do Congo antigo Congo/Zaire seguiram para a capital Luanda, atentando se para a nova realidade política e social, passaram a dedicar-se ao comércio na capital.

Do ponto de vista dos *regressados*, na tentativa de inserirem-se numa nova realidade política e social, houve a busca de recorrerem a outros símbolos e argumentos para justificar o seu pertencimento à nação angolana. Por oposição à língua portuguesa como veículo de nacionalidade angolana verificou-se a valorização do uso das línguas “africanas” (kikongo, Lingala), de uma “identidade africana” ou “bantu” e, sobretudo, a evocação de um passado glorioso do povo Bakongo, que remete ao antigo Reino do Kongo (Pereira, 2008, p. 37, grifo da autora).

Segundo Dodão (2017), os bakongo atualmente são o terceiro maior grupo etnolinguístico que compõe o território angolano, com cerca de 480.000 habitantes, se subdividindo entre 10 grupos Basikongo, Bandongo, Pombo, Nsoso, Suku, Yaka, Zombo, Hungu, Bayombe e Woyo. Para Victor (2021), o grupo etnolinguístico angolano bakongo estão localizados nas províncias da região norte (Cabinda, Uige e Zaire) e possuem 17 variantes ou dialetos resultados da língua padrão kikongo sendo elas: cabinda, cacongo,

chicongo, conje, laca, congo, guenze, lombe, paca, pombo, sorongo, sossos, suco, sundi, uoio, vili e zombo. Os bakongo falam a língua kikongo, a qual é a língua materna e de comunicação do grupo e ainda possui o status de língua nacional em Angola.

Atualmente existe muitos estudos que descrevem a realidade social e linguística do povo angolano, devido à pluralidade existente no país e mesmo assim, ainda há muitos grupos étnicos e linguísticos que se encontram desconhecidos pela sociedade angolana como é o caso dos povos do grupo khoisan. Essa pluralidade angolana requer aprofundamentos de estudos. África é um continente que possui mais de 2.000 línguas de origem africana (Ngunga, 2014; Nurse, Philippson, 2014). Essas línguas foram herdadas pelos contextos históricos. Já as línguas europeias faladas na África chegaram em período da colonização e da implantação do cristianismo na África. Os primeiros estudos sobre as línguas africanas foram feitos por missionários, exploradores e pesquisadores europeus e americanos, dos quais se podem citar:

Joseph Harold Greenberg (1915-2001), Malcolm Guthrie (1903-1972), Clement Martyn Doke (1893-1980), Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875), Carl Friedrich Michael Meinhof (1857-1944) entre outros. Essas pesquisas deram uma contribuição importante para a linguística africana moderna ao fornecer um conjunto de dados que aceleram o aprofundamento de pesquisas na área (Timbane; Santana; Afonso, 2021, p. 106).

Joseph Greenberg, linguista americano, se interessou e realizou descrições análises específicas sobre a história linguística de África e realizou as primeiras classificações das línguas africanas. Assim sendo, foi a partir dessas classificações relacionada às línguas em África, que os linguistas buscaram afirmar que o continente africano é composto por milhares de línguas distribuídas em vários países, “entre as quais encontramos as línguas do grupo bantu” (Santana, 2022, p. 28).

O pesquisador americano, Greenberg. J., (1963 *apud* Ngunga, 2004, p. 26) agrupa as línguas africanas em quatro grandes famílias, e cada família apresenta sua subfamília, a saber: Afro-Asiática, Nilo-Sahariana, Congo-Kordofaniana e Khoi e San. Santana (2022, p.16) afirma ainda que “existe as línguas do grupo vátua que ainda não tiveram a classificação”, os mesmos ainda necessitam com urgência de estudos mais aprofundados para classificá-los e para não desaparecer. O quadro a seguir apresenta a classificação das línguas africanas.

Quadro 1 - Distribuição das línguas africanas

FAMÍLIA	SUBFAMÍLIA	LOCALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS
<i>Afro-Asiática</i>	Semítica, Egípcia, Cushítica, Berber e Chádica.	Todas as línguas pertencentes a essa família são faladas na Ásia, exceto o semítico, que inclui o hebraico e o árabe dos séculos VII e VIII. O árabe é falado na região norte do continente, que inclui o Egito, Tunísia, Marrocos, Argélia, Líbia e Sudão.
<i>Nilo Sahariana</i>	Songhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo e Koman.	As línguas dessas subfamílias estão localizadas no Níger, Burkina Faso, Tchad, oeste da Etiópia e no Sudão, respectivamente. As línguas mais populares desta família são o dinka, o shilluk, o nuer, o massai (Uganda, Kenya, Tanzânia) e o mangbetu (Norte da República Democrática do Congo).
<i>Congo-Kordofaniana</i>	Níger-Congo e Kordofaniana.	A mais relevante é a Niger-Congo, que se estende desde o Senegal até o oeste, passando pela África do Sul, incluindo todo o leste do continente desde o sul da Somália. A família Kordofaniana só é falada por grupos restritos que vivem nas montanhas de Nuba, na República do Sudão.
<i>Khoisan</i>	Khoi, San, Sandawe, Iraqw e Hatsa ou Hadza.	Antes da expansão dos povos que falam a língua de um dos ramos Níger-Congo, os falantes dessas línguas ocupavam uma grande parte do continente. Isso Isto significa que a família khoisan não pertence à família bantu, uma vez que foram os primeiros habitantes da região sul da África antes da expansão dos bantu. Ainda que em número reduzido em relação à família bantu, há indivíduos que habitam esta região do continente.

Fonte: Abdula (2014).

Guthrie (1967) organizou geograficamente as línguas bantu, e distribuiu essas línguas em 16 zonas sendo elas: A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R e S contendo 78 grupos linguísticos.

Na classificação tipológica das línguas *bantu*, é costume apresentá-las em famílias, estas em zonas que por sua vez se subdividem em grupos e só depois surgem as línguas propriamente ditas. Este critério de abordagem obedece à lógica segundo a qual uma família é constituída por zonas, estas por grupos e estes, por sua vez, por línguas. Portanto, há um estreito relacionamento entre as unidades que constituem estas categorizações (Rego, 2012, p. 53 grifo do autor).

Rendinha (1975), afirma que, em Angola, as línguas do grupo bantu são: kimbundu, kikongo, helelo, kwanyama, oxindonga, umbundu, ngangela, nyaneka e cokwe. Por outro lado, Zau (2011), aponta que as línguas bantu são: kimbundu, kicongo, fiote/ibinda, (línguas que surgiram através do processo de dialectização do kicongo e está em processo de mobilidade estatutária), cokwe, ngangela, umbundu, nyaneka, herero, kwanyama e cindonga. Undolo (2014), cria uma lista com 16 línguas bantu faladas no território angolano, são elas: umbundu, kimbundu, cokwe, ngangela, nyaneka, kwanyama, mbunda, ciluba, ciluvale, ocihelelo, ndonga, kikongo, humbi, hanya, nyemba e o kyombe. Ndombele (2017), fala sobre

a existência das línguas de regiões de fronteiras em Angola como é o caso das línguas Lingala, swahili e tchiluba, e ainda pondo em destaque que as fronteiras linguísticas são totalmente diferentes das fronteiras geográficas.

Dentre os povos de origem africana do território angolano, destaca-se aqui, o grupo khoisan como uma comunidade etnolinguística de origem não bantu que povoou Sul de África a milhares de anos, sendo também os primeiros povos a habitarem o território que atualmente se chama Angola.

Para Olderogge (2010), o termo Khoisan é o resultado da união de duas palavras, khoikhoi (khoi), que significa “homem”, e “San”, que significa “acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais”. Os khoi-khoi e os san são alocados ao grupo etnolinguístico khoisan por Joseph Greenberg, Wilhelm Bleek e outros linguistas do século XVIII e XIX, por reproduzir suas línguas através do uso de cliques com características muito parecidas.

Para Penha e Timbane (2023, no prelo), o “Clique é um som ingressivo produzido com a língua ou os lábios sem a ajuda dos pulmões (pertence às consoantes não pulmonares). Essas línguas têm características diferentes no nível gramatical, especialmente na formação lexical e sintática”. Desse modo, podemos dizer que as línguas do grupo khoisan têm características particulares em sua gramática que as difere dos outros grupos de povos e línguas no território angolano. Para além de Angola, as línguas deste grupo são encontradas em Botswana, na Namíbia, na África do Sul, na Tanzânia e no Quênia (Timbane, Penha, 2023).

De acordo Penha e Timbane (2023, no prelo), “o grupo khoisan de Angola não se resume apenas aos khoi-khoi e aos san”. Os khoisan de Angola possuem suas particularidades, mas também são extensas, e possuem suas variações e variedades entre os povos que compõem esse grupo etnolinguístico no território angolano. Pedro e Mussili, (2021), destaca uma das variedades dos khoisan em Angola, afirmando o seguinte:

Importa-nos salientar aqui que na localidade do Oshilomo, província do Cunene, em Angola, encontram as seguintes variedades da família Khoisan: Os Kwadi (localmente conhecidos por Ovakedi), uma das variedades dos Khoi-khoi, e !Kung (uma das variedades dos San), (Pedro; Mussili, 2021, p. 171).

Também de origem africana, os vátua é um grupo etnolinguístico que reside em Angola a milhares de anos, “Estes povos são considerados os primeiros habitantes nómadas do território angolano e, actualmente, localizam-se nas províncias da Huíla, Namibe, Cunene

e Kuando Kubango”, (Chicumba, 2012, p. 25). Os vátua são povos ainda reclusos do resto da sociedade angolana e assim como os khoisan foram um dos primeiros povos a migrar e habitar para o território angolano. Além disso, os vátua possuem alguns grupos etnolinguísticos assim como explica Zau (2011).

Em relação aos vatua, outra comunidade etnolinguística não bantu, estes são considerados povos de origem pouco conhecida. No entanto, julga-se que o subgrupo kwisi, de língua com o mesmo nome, apresenta afinidades com o grupo khoisan/hotentote, ao passo que o subgrupo kwepe, também com língua assim designada, terá resultado da miscigenação de khoisan como kwisi (Zau, 2011, p. 47).

O português é uma língua de origem europeia, sendo a única língua oficial de Angola, adicionada como língua de prestígio ao país pelos líderes independentistas do novo estado angolano. A língua portuguesa é inserida como veículo de comunicação, em todas as esferas sociais e culturais, sendo ela também, a língua de ensino nas escolas para a população angolana.

A percepção linguística resultante da ideologia colonial é a que a língua portuguesa possui as qualidades necessárias para manter o status de língua em Angola. Isso resulta num desrespeito para com as outras línguas nacionais angolanas, pois cada uma delas tem a sua importância para as políticas linguísticas, sociais e culturais de Angola, mas estão em um processo de desvalorização e apagamento por parte do governo, para transformar Angola em um país monolíngue. Com a pretensão de mostrar a realidade linguística angolana, e desmistificar as ideologias de que Angola é um país monolíngue, e que existe apenas a língua portuguesa como meio de comunicação e instrução, apresentaremos abaixo as línguas mais faladas em Angola.

De acordo o Instituto Nacional de estatísticas (INE, 2016), a língua mais falada em Angola é o Português com (71%) dos falantes, o Umbundu é a segunda língua mais falada com (22%), em seguida temos o Kikongo que representa (8%), e o Kimbundu com (7%), a língua Cokwe abrange (6%) dos falantes, e as línguas Nhaneka e o Ngangela (3%) cada, já as línguas Fiote, Kwanhama, e Muhumbi possuem (2%) dos falantes, o Luvale (1%) dos falantes angolanos, e outras línguas que representam (3%), segundo os dados do último Censo Geral da População e da Habitação realizado em 2014. Não foram registrados dados sobre as Línguas Gestuais Angolanas (LGA) no censo geral da população angolana em 2014, pois o instituto nacional de estatística não oferece um estudo sobre a população surda de Angola. Com relação aos falantes do português, o INE não distingue que estes são falantes de português como língua materna ou língua segunda.

De acordo com Sachizembo (2022, p. 668), “LGA, é um sistema de sinais de ícone-cinético espaciais empregues pelos surdos angolanos na sua comunicação de forma natural e espontânea”. A língua gestual angolana (LGA) é uma língua de sinais com léxico e gramática específica da população angolana, que a difere das outras línguas de sinais e também a mesma carrega a cultura e modo de vida dos cidadãos angolanos.

Segundo o Instituto Nacional para a Educação Especial (2006), a Educação Especial é uma modalidade de ensino transversal que se aplica a todos os sistemas de ensino, visando atender a todos aqueles com necessidades educacionais especiais, temporárias ou permanentes, para facilitar sua integração escolar e social.

De acordo o Diário da República de Angola no (Art.20), “as pessoas com deficiência tem igualdade de acesso aos diversos meios de comunicação social públicos e privados”, (ANGOLA, 2016, p. 3144). Dessa forma, percebemos que existem leis e projetos que asseguram a língua gestual angolana. Sabemos também que as leis em Angola constam apenas no papel e que não há força de vontade do governo angolano em promover melhorias ou qualidade de vida para a população angolana, assim como promoção do uso das línguas gestuais em Angola.

Os dados a apresentados acima, mostram que o português não é a único meio de comunicação em Angola, mas é a língua mais falada e valorizada pela população angolana e reforçada pelo Art.19º da Constituição da República (2010). As línguas nativas angolanas apenas recebem o status de línguas nacionais, línguas locais, mas essas línguas não recebem um valor merecido por parte do governo angolano e lutam constantemente para sobreviver. É necessário que haja políticas linguísticas de qualidade para a promoção e valorização das línguas nacionais angolanas para que elas não desapareçam com o passar do tempo.

Para Penha, Timbane (2023 no prelo). “O grupo khoisan são povos segregados da sociedade angolana, são vistos como povos não civilizados que não possui cultura e nem história,”. As tradições culturais, línguas e os conhecimentos que esse grupo tem a passar não são reconhecidas pela população angolana. O censo geral da população angolana realizado em 2014 pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Angola (INE), não se importou e nem procurou inserir as línguas dos povos khoisan formulários do recenseamento. As línguas desse grupo passam diariamente por preconceito linguístico Penha e Timbane (2023, no prelo).

Os khoisan são povos de línguas autóctones excluídos da cultura moderna ocidental e que sofrem preconceito (no seu sentido amplo) a partir do resto da sociedade angolana, principalmente pelos bantu que não reconhecem e não valorizam a cultura

e línguas desses povos. Não há reconhecimento das culturas e tradições que são legítimas e herdadas dos antepassados (Penha; Timbane, 2023, no prelo).

O grupo bantu de Angola passou por todo o processo de colonização e inferiorização das suas línguas e culturas em função da imposição da língua portuguesa em Angola. Com isso, esperávamos então que os bantu pudessem respeitar e acolher os khoisan no sentido de permitir que as suas culturas e línguas sejam preservadas, até porque o “não fazer nada” é contribuir para o desaparecimento das línguas locais. Enquanto os khoisan buscam se integralizar e interagir ao resto da sociedade angolana mesmo com toda dificuldade existentes nas relações sociais e o preconceito que suas línguas e modo de vida passam, os bantu, por outro lado, cometem o mesmo erro que o colonizador, procuram se distanciar dos khoisan demonstrando superioridade ética com relação aos khoisan

Para Penha e Timbane, (2023, no prelo), é por meio das relações sociais “totalmente estratégicas” que os bantu buscam excluir os khoisan do meio social angolano, impondo a língua portuguesa e as línguas nacionais aos khoisan, fomentando o não uso das línguas do grupo khoisan em Angola, além dos bantu, buscar interferir em seu cotidiano e utilizar os khoisan como mão de obra barata para benefícios próprios. Além disso, os bantu não tem uma denominação específica dos grupos khoisan em Angola, a ponto de denominá-los preconceituosamente como: “Ova-Kwangala, Mukuasseekele, Camussequele, Tuzala-Majimo, Ova-Kwankala, Cacungos, Vakwengo, Ovasseekele, Ovakedes, Kazama. (PEDRO; MUSSILI, 2021, p.170).

Quanto às línguas dos povos khoisan sabemos que são línguas faladas por meio de cliques fonéticos. Esses cliques são caracterizados por produzir sons ingressivo sem a ajuda dos pulmões na obstrução do palato realizado pelo dorso da língua e os lábios, produzindo um vácuo que, ao ser liberado, produz um som característico. Os cliques fonéticos ou consoantais referem-se a esses grupos, tanto dentro quanto fora de Angola. De acordo Zau (2011), dentre às línguas do grupo Khoisan faladas em Angola, destacam-se as línguas kankala (bosquimano) e vakankala (hotentote), que têm como variantes kankala (bosquimano), hotentote, kazama, kasekele e kwankala. As línguas dos povos khoisan são dadas em Angola como línguas sem valor. Os khoisan de Angola são povos ricos em cultura, de línguas particulares, e de tradições que diferem das outras também existentes em Angola. A não valorização das suas línguas em Angola recai na extinção e no desaparecimento desses grupos étnicos.

2.2 A POLÍTICA LINGUÍSTICA CRÍTICA: DECISÕES QUE PERIGAM AS LÍNGUAS

Toda a sociedade possui uma língua. Nenhuma sociedade humana está desprovida de uma política por mais que seja mais isolada geograficamente. As línguas africanas faladas em Angola são línguas dos ritos de passagem, dos ritos de casamento, de evocação aos antepassados e de uso no funcionamento da estrutura tradicional local. Os chefes locais (soba/regedor) são os garantidores das políticas linguísticas locais. Isso porque eles lutam pela preservação da cultura e da língua local, diferentemente do governo. Há políticas linguísticas feitas pelos grupos étnicos; e é essa política que felizmente faz esforço para que essas línguas persistam ao longo do tempo. De acordo com Banza (2014), o futuro das línguas não está relacionado às circunstâncias linguísticas, mas sim à política linguística ou a falta dela na comunidade adotada pelos estados que a usam. Em primeiro lugar, nesta subseção descreveremos as políticas de linguísticas em Angola. Dessa forma, para uma melhor compreensão apresentaremos os termos que norteiam as discussões: política linguística, planejamento linguístico, política educacional, língua oficial, língua nacional, língua materna, línguas minoritárias e línguas de fronteira.

2.3 POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO

De acordo com Savedra e Lagares (2012, p. 12), A política linguística é definida como “sendo a determinação de grandes escolhas relativas às relações entre as línguas e determinadas sociedades e planificação linguística como a política linguística posta em prática, representando um ato de autoridade”. A política linguística, portanto, pode ser entendida como a ação do governo para uma determinada comunidade visando normalizar o uso das línguas no contexto daquela sociedade, enquanto o planejamento linguístico são estratégias do estado de poder para influenciar uma determinada comunidade na utilização de uma língua específica. Um exemplo dessas ações é a implementação de um programa para o ensino das línguas angolanas nas escolas por meio do sistema de educação em Angola. O campo da política linguística é caracterizado por sua complexidade, Severo (2013), explica como funciona esse campo de estudos linguísticos.

O conceito de política linguística é complexo e polissêmico. A heterogeneidade deste campo de saber varia entre os seus alvos e níveis de intervenção, além de sua relação com o planejamento linguístico, em que este ora é tido como mera aplicação da política linguística, ora é tido como o seu coração, gerando um desequilíbrio entre as prioridades teórico-metodológicas adotadas (Severo, 2013, p. 453).

São as políticas linguística que determinam como as línguas de um determinado povo devem ser utilizadas, e em que contexto a sociedade deve utilizar. Angola escolheu uma língua de origem europeia como a língua privilegiada e de maior superioridade comparativamente às realidades de línguas de origem africanas. O Artigo 19º da Constituição (2010) corresponde a uma determinação da política linguística.

É tarefa dos governos estabelecer políticas linguísticas que resgatam, protegem e preservam as línguas, tal como a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) preconiza. Toda política linguística que favorece as línguas do país deve ser encorajada e apoiada por meio de instrumentos legais (leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). As políticas de educação que apoiam em políticas linguísticas e são implementadas pelo planejamento. Portanto a execução das determinações da política linguística recai na educação porque é lá onde se deve ensinar, normatizar e proteger as línguas para novas gerações. Por exemplo, a oficialização de uma língua é tarefa dos políticos inseridos no estado e em Angola o português é língua oficial, tal como veremos no item a seguir.

2.4 ANÁLISE DA POLÍTICA DA LÍNGUA OFICIAL

Língua oficial é aquela que é escolhida pela política linguística para servir de meio de comunicação por um determinado estado ou município ou localidade. Toda determinação da língua oficial é acompanhada de um documento oficial escrito que passa a servir de instrumento obrigatório para o uso de uma determinada língua. A língua portuguesa é a língua oficial do Estado angolano, de acordo com o artigo 19º da Constituição da República (inciso: “a língua oficial da República de Angola é o português”), sendo uma língua de origem europeia adquirida primeiramente através do processo de colonização portuguesa ocorrido no século XV. A inciso 2do Art.19º da Constituição de Angola determina que o “Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola” (Angola, 2010).

O Português é a língua de prestígio do território angolano, o estado angolano inseriu a língua portuguesa em todas as esferas do país, isso, “nos meios de comunicação social, no sistema escolar, nos órgãos do Estado, nas instituições governamentais e políticas”, (Kanusse, 2022, p. 35). Quanto a esse assunto, Bernardo; Severo, (2018, p. 213) explicam que, “[...] a definição da língua portuguesa como a única língua oficial em Angola foi acompanhada pela adoção de ideologias, culturas e modos de ver o mundo um tanto distantes da realidade pluridiscursiva, plurilíngue e diversificada africana”.

A implementação da língua portuguesa em Angola se deu a partir de planejamento estratégico do governo angolano em processos políticos, sociais e econômicos onde a língua portuguesa se expandiu e se fixou nas leis que vigora na constituição do país, alocando-a no sistema de educação de ensino em Angola, tornando-a língua de comunicação e escolarização da população angolana. Esse processo invasivo não permitiu a oficialização das línguas angolanas como línguas oficiais e nem permitiu que essas línguas fossem implementadas nas escolas, sendo essas línguas alocadas como veículo de comunicação informal, como línguas de comércio, além de dialogar com a língua portuguesa no territorial angolano. A obrigatoriedade da implementação da política parte de cima para baixo. De acordo com Bernardo e Severo Angola é um país de pluralidade linguística: basta circularmos pelas localidades ao redor de Luanda, por exemplo, para verificarmos a co-existência das línguas não oficiais com a língua oficial” (Bernardo; Severo, 2018, p. 14).

A definição da língua portuguesa como língua oficial em Angola, não condiz com a realidade linguística do país. Angola, sendo um país plurilíngue onde os povos, de línguas e culturas diferentes convivem em um mesmo espaço, e onde muitos desses povos não têm a língua portuguesa como língua materna, não dialoga com a ideologia de que uma única língua possui as qualidades para manter o status de língua oficial. Esse conceito só mostra que o quanto o governo angolano busca tornar o país monolíngue. Assim sendo, percebe-se que em Angola há precariedade nas políticas linguísticas destinadas às línguas africanas e a falta de vontade do governo ao olhar para as línguas autóctones angolanas, refletindo sobre o lugar que essas línguas ocupam no país, na cultura e nas tradições.

Nesta pesquisa, deixamos claro que não estamos descartando a relevância do português. Estamos registrando a necessidade de integrar as línguas africanas como oficiais. Não haverá guerras linguísticas nem conflitos éticos por causa dessa oficialidade. Partimos da ideia de todas as línguas são importante e exprimem o pensamento do povo que as fala e merecem o respeito total porque elas dizem respeito à identidade da comunidade de fala.

2.5 O CONCEITO DE LÍNGUAS MEMORIZADAS

As línguas angolanas de origem africana não possuem o mesmo status que a língua portuguesa possui em Angola, de acordo com a Constituição da República de Angola (2010). Essas línguas são dadas como **línguas de minorias** por não possuir, segundo o governo angolano, a importância que a língua portuguesa tem para a sociedade angolana e nesse sentido, não podem ser denominadas de línguas oficiais. Além disso, em Angola, o censo

realizado em 2014, pelo Instituto de Nacional de Estatísticas (INE), destaca a língua portuguesa com 71%, dos falantes. Pela percentagem, o português é uma **língua maioritária** de acordo com INE. As outras línguas de origem africana são minoritárias. Ferraz (2007) entende por línguas minoritárias

aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial (Ferraz, 2007, p. 45).

O kikongo possui todo o prestígio de língua nacional em todos os contextos, e independentemente de a língua Lingala possuir ou não um número maior de falante, o que é valido para a sociedade angolana é o poder e prestígio que a língua kikongo possui naquele contexto. Para entender melhor sobre esse assunto, Kanusse (2022), explica sobre as línguas maioritárias/menorizadas e as relações de poder,

o termo minoria pode carregar duplo sentido, do ponto de vista sociológico, minorias são aqueles grupos que se encontram em desvantagem quando comparado com outro, não necessariamente do ponto de vista quantitativo. Por exemplo, em Angola e no Brasil as mulheres são a maioria, entretanto, nas relações de poder, essa superioridade numérica não é refletida. Assim, nestes contextos as mulheres são enquadra no grupo de minorias. Por outro lado, em relação a questão linguística, certos autores chamam de língua minorizada, outros de língua minoritária. Assim, tendo em conta a relação de poder e número de falantes, para o nosso trabalho, as duas formas servem, ou seja, língua minoritária/minorizada. Por exemplo, o umbundu do ponto de vista numérico quando comparado com o português é uma língua minoritária, ao passo que as línguas khoisan quando comparado com o umbundu são tidas como línguas menorizadas, isso em função da relação de poder (Kanusse, 2022, p. 42).

O Estado angolano promove a língua portuguesa, por meio do ensino obrigatório e já no que engloba as línguas angolanas de origem africana, essas são consideradas como línguas nacionais ou locais. Nesse sentido a língua portuguesa passa a ser a língua maioritária (porque tem falantes como L1 e L2) e as outras línguas nacionais, chamada de línguas menorizadas. Línguas menorizadas são línguas tidas como menores devido à quantidade de falantes. Para as línguas bantu, as línguas não podem ser minoritárias porque a língua não se calcula pela quantidade de falantes, mas sim pelo valor que ela ocupa na comunidade de fala. Na cultura bantu, a língua é falada por entidades invisíveis e que essas entidades se comunicam como os vivos. Não é por acaso que nos ritos de passagem a língua oficial é a língua dos antepassados.

No contexto de Angola as línguas africanas são menorizadas e não minoritárias porque a quantidade de pessoas/entidades que falam essas línguas é incalculável de acordo com a

cultura. Na cultura khoisan e bantu as línguas não só são faladas por pessoas “vivas”, quer dizer há membros da comunidade que usam essa língua estabelecendo suas políticas e planejamento. Desta forma não se pode afirmar que uma língua angolana de origem africana é minoritária, mas sim ela é minorizada pela política linguística vigente. A língua é calculada pelo valor que ela tem dentro da comunidade de fala e não pela quantidade numérica de pessoas que a fala.

2.6 ANALISANDO OS DEBATES SOBRE A LÍNGUA MATERNA

A língua materna é definida como a primeira língua de uso de um indivíduo, ou seja, primeira língua aprendida durante a fase de aquisição a partir dos dois anos de idade. Também conhecida como **idioma materno, língua nativa ou primeira língua (L1)**, a língua materna se caracteriza como a língua de demarcação da identidade e da compreensão do mundo em volta dos falantes. “A língua materna é aquela com que o indivíduo se identifica de facto e melhor se esta for a língua de berço” (REIS, 2006, p. 76). Além disso, a língua materna é a língua com a qual o falante se identifica nas suas relações sociais. É a língua que expressa a identidade de um povo, seja ela a língua dos seus pais, avós, amigos ou a língua exposta na comunidade deste indivíduo. Quanto a esse assunto, Spinassé (2006), descreve um pouco sobre as línguas maternas, quando diz que,

a Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (Spinassé, 2006, p. 5).

Apesar do português ser a única língua oficial, o estado angolano reconhece a existência das diversas línguas africanas. Ndombele (2017, p. 40 grifo do autor), explica que para a maioria da população, as línguas africanas são designadas de “nacionais” e constituem a língua materna especialmente nas zonas rurais, porque em Luanda, o português continua sendo a língua materna da maioria dos jovens e é mais utilizada na comunicação diária. O português é a língua materna da maior parte da população angolana em zonas urbanas, mas em zonas rurais o português dialoga com as outras línguas nacionais e possui a minoria dos falantes (Miguel, 2014). Os angolanos das zonas rurais se expressam por meio das línguas

maternas de origem africana, enquanto o português só é utilizado nas escolas angolanas. Esse assunto é discutido por Miguel (2014).

A LP não é língua materna da maior parte das crianças, sobretudo das que vivem no meio rural; (2) A maioria das crianças, especialmente as do campo, desconhece a LP quando entra na escola; (3) Os programas de LP, enquanto matéria de ensino, estão perspectivados para o ensino desta língua como língua materna; (4) As turmas estão, quase sempre, sobrelotadas; (5) Muitos professores que leccionam português, não têm formação linguística compatível à função, para além de desconhecerem os procedimentos metodológicos para o ensino de língua; [...] (Miguel, 2014, p.22).

O Lingala, apesar de ser proveniente dos congos, é uma língua materna para populações angolanas, especialmente aquelas que moram nas regiões de fronteira com os congos e que estabelecem relações de comércio e de familiaridade com os cidadãos estrangeiros. Não se pode descartar a presença do Lingala em Angola, não se pode “tapar o Sol com a peneira” porque é uma língua viva, presente na vida dos angolanos, desenvolvendo atividade importantes em diversos setores da sociedade. Embora o INE (2016), não apresentou dados do Lingala, é evidente o fato de que existe muitos angolanos e estrangeiros falando Lingala e ensinando aos seus filhos como língua materna. Desta forma, a Declaração Universal dos Direitos linguísticos (1996) em seu Artigo 7º afirma que

Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora (UNESCO, 1996).

Muitos angolanos, especialmente aqueles que moram em áreas rurais, têm o português como língua segunda, pois a primeira é uma das línguas africanas faladas em Angola. No entanto, ao chegarem às escolas ou em outros espaços públicos são forçados a usar português. Para Ndombele (2021, p. 357) “Alunos que no seu dia-a-dia falam kikongo e Lingala e no espaço escolar esforçam-se em falar a língua portuguesa por força do artigo 19º da Lei constitucional de Angola que oficializa o português”.

O falante da língua Lingala em Angola, enfrenta dificuldades de aprendizado nas escolas, uma vez que o Lingala não é língua de ensino nas escolas angolanas e é obrigatório o ensino em língua portuguesa e não há espaço para o ensino da língua Lingala ou do kikongo no sistema de educação de Angola. Dessa forma, esse indivíduo passa por conflitos linguísticos tais como:

a) Pouco domínio do vocabulário da Língua Portuguesa entre os alunos; b) interferência encontrada entre os alunos que falam duas línguas materna e não materna, tanto na escrita como na fala; c) Dificuldades de expressão oral e escrita; d) Muitos erros de concordância; e) O empréstimo de certas palavras da língua Lingala e Kikongo e a ser introduzida no português (Ndombele, 2021, p. 357).

Dada a situação sociolinguística em Angola, onde o Lingala é a língua materna dos angolanos e interage diariamente com o kikongo e o português, em um contexto de socialização, é necessário que o governo angolano pense em políticas que incluam a língua Lingala nas escolas angolanas. Com falantes bilíngues, o estado precisa rever o que diz o estatuto das línguas angolanas e pensar em políticas voltadas para a implementação do ensino bilíngue, sendo necessário para a efetivação de todas as línguas faladas em Angola.

Concluimos esta parte dizendo que a educação em língua materna acelera a aprendizagem e permite uma prática de aprendizagem mais eficiente. Incluir as línguas maternas dos alunos na escola é urgente e de suma importância se queremos um desenvolvimento intelectual mais profundo. Neste momento, a língua portuguesa como L2 ou L3 se torna um impedimento para as aprendizagens da língua oficial. Ensinar em língua materna não é um favor, mas sim um direito que a criança tem de aprender em sua língua materna.

2.7 LÍNGUA NACIONAL

Outro conceito muito complexo nos estudos linguísticos é o de língua nacional. Até que ponto uma língua pode ser considerada nacional? Quem decide que uma língua seja nacional? Sabemos que o conceito de “país”, como noção é um conceito artificial porque foi inventado pelo Ocidente na Conferência de Berlin em 1884/1885. Nessa conferência da partilha da África, os africanos não estavam presentes, não foram convidados e nem decidiram sobre a divisão dos territórios dos seus ancestrais. Desta forma a partilha de África não atendeu a atividade linguística nem cultural. Com a partilha, muitos grupos étnicos ficaram separados pela fronteira física porque para os africanos o conceito de “país” seria equivalente ao conceito de “etnia”. Portanto língua étnica é a língua oficial daquele grupo sociolinguístico. Já a noção de “língua nacional” engloba muitos grupos étnicos o que nos leva a concluir que todas as línguas faladas no território angolano são línguas nacionais porque são faladas no território geopolítico chamado Angola. De acordo com Fernando e Timbane (2022), todas as línguas faladas no território chamado Angola e que são reconhecidamente línguas maternas dos seus cidadãos são chamadas “línguas nacionais”.

Nesta perspectiva, o Lingala é uma língua nacional de origem africana e o português é uma língua nacional de origem europeia. Ambas são reconhecidas pelos falantes como pertencentes aos falantes daquele espaço. O ecossistema linguístico é composto por três elementos essenciais: língua x território x povo x. O português de Angola é dos angolanos e já não pertence mais a Portugal e que ela expressa a realidade sociolinguística do contexto angolano. Estudos de Timbane, Sassuco, Undolo (2021), mostram que nenhuma língua viva e em uso para no tempo. Ela se movimenta (varia e muda) à medida que a sociedade também se movimenta. Somos de opinião que tanto o português angolano quanto as línguas do grupo khoisan, bantu e vátua são nacionais atendendo e considerando o território geolinguístico em que são faladas. Uma língua pode ter várias nacionalidades, a exemplo do português que é nacional dos brasileiros, dos timorenses, dos guineenses, dos cabo verdianos e assim em diante. De acordo com o Estatuto das Línguas Nacionais de Angola,

são qualificadas como línguas nacionais todas as línguas usadas histórica e secularmente pelos povos habitando o território nacional, independentemente do número de falantes, enquanto veículo de transmissão das suas mensagens, e integrarem as comunidades linguísticas angolanas, devendo-se [...] promover o seu desenvolvimento e difusão (Angola, 2004, p. 6).

Entende-se então que toda a língua falada pela população do território angolano que carrega cultura, tradições de um povo é considerada uma língua nacional. Segundo o vídeo do pesquisador Pedro (2023)² em Angola existe pesquisas para a oficialização das línguas angolanas mediante uma política de mapeamento das línguas nacionais para sua oficialização. Enquanto essa política não entra em vigor, cada um caracteriza as línguas angolanas como entende.

Para Pedro (2023), destaca que em Angola a definição de língua nacional é baseada a partir de critérios de línguas tais como: critério de extensão geográfica; critério Africanidade; e critério línguas originárias de Angola.

a) Critério de Extensão geográfica: Ao entender que uma língua nacional é aquela que ocupa todo ou maior espaço geográfico de um país, o território angolano é composto por apenas uma língua nacional, por ocupar a maior parte dos falantes angolanos, ou seja, a língua portuguesa. “Por essa via, se entendermos que uma língua nacional é aquela que é falada em todo território nacional, nós vamos ter a língua portuguesa como única língua nacional” (Pedro, 2023, p. 2:16 até 2:26).

² Disponível em: https://youtu.be/_5mLIa2VT40?si=YnW8SfbSV_yjcdhG

b) Critério Africanidade: Esse critério define como língua nacional aquelas línguas de origem africanas que foram línguas herdadas dos antepassados africanos. Nesse sentido se engloba todas as línguas angolanas de origem africanas herdadas a partir do contato familiar, a exemplo das línguas: Kimbundu, Chokwe, Kikongo, Umbundu, Mbunda, Tchiluba, Kwanyama, Nhaneca e Fiote.

c) Critério Línguas originárias de Angola: Esse critério tem a ver com as línguas originárias de Angola, ou seja, aquelas línguas habitadas em Angola a partir das primeiras comunidades etnolinguísticas a habitar o território angolano. A exemplo da língua (!Kung) da família khoisan sendo os primeiros povos a migrar e habitarem em Angola e consequentemente migraram as línguas do grupo vátua, às línguas do grupo bantu e a língua dos descendentes dos portugueses sequencialmente. De acordo com Gonçalves (2018, p. 39),

no que diz respeito aos regionalismos, estes designam vários elementos diferenciadores linguísticos que se consolidaram através do conservadorismo cultural ou social, com ocorrência numa determinada localidade e restringidos a zonas com uma grande particularidade linguística.

Nesse sentido, as línguas regionais assumem um papel importante para a extensão geográfica do território angolano, onde as línguas surgem como a ligação de relação entre a língua e a sociedade. Segundo Pedro (2023), as línguas ditas como “línguas nacionais” são aquelas de origem bantu que coabitam com a língua portuguesa. Essas línguas fazem parte dos nove grupos etnolinguísticos de origem bantu de Angola, tais como os povos: Ambundu, Bakongo, Chokwe, Ganguela, Herero, Nhaneca-Humbe, Ovambo, Ovimbundu, e Xindonga que pertenciam anteriormente a antigos reinos que por meio do processo de colonização foram desaparecendo em Angola, como explica a pesquisa de Kanusse (2022).

[...] o povo bantu chegou ao território angolano, onde veio a formar vários reinos, que formam os grupos etnolinguísticos de Angola, tais como: Reino do Congo (Bancongo/kikongo), do Ndongo e Matamba (Ambundu/ kimbundu), da Quissama (Ambundu/kimbundu), do planalto (Ovimbundu/ Umbundu), do Cassange (Ambundu/ Lunda-Tchocue, Kimbundu/Tchocue), da Lunda-Tchocue (Lunda-Tchocue/ Tchocue), do Sudoeste (Herero/Nhaneka-Humbe/ Ambo, Herero/ Nhaneca/ Kwanhama), e a Região de comunidades pouco fixadas (Nganguela/ Xindonga, Nganguela/Xindonga). Em função do processo da colonização, todos estes reinos declinaram (Kanusse, 2022, p. 60).

Como se pode constatar nos argumentos, tanto Pedro (2023) quanto Kunesse (2022), quando falam das línguas de Angola excluem as do grupo khoisan, talvez por motivo da escassez dos estudos ou mesmo por falta de reconhecimento de que os khoisan também são

“nacionais”, são angolanos, vivem no território geopolítico pertencente a Angola. Com isso buscaremos apresentar as línguas dos principais grupos e sua localização em Angola

Kimbundu: língua veicular de comunicação do grupo etnolinguístico Ambundu que possui a segunda maior extensão territorial do país, abrangendo as regiões Centro-Norte e sul de Angola. Sua concentração maior é na capital angolana (Luanda) e abrange também as províncias Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e Kwanza-Sul.

A sua composição étnica é representada pelas comunidades njinga, mbamba, nbaka e ngola. E desdobra-se em subgrupos como ambundu, luanda, hungo, luango, ntemo, puna, dembo, ngola/jinga, bondo, bangala, holo, kary, chinje, minungo, songo, bambeiro, kissama, libolo, kibala, hako e sende (Chicumba 2019, p. 13).

Kikongo: é a língua veicular do terceiro maior grupo etnolinguístico bantu de Angola os bakongo. o kikongo possui o estatuto de língua transacional e se concentra na região Norte, Nordeste e Centro-Norte do país se estendendo especificamente pelas províncias do Uige Zaire, Cabinda, e partes das províncias do Bengo, Kwanza Norte e Malanje. Além disso, o kikongo dialoga com a língua portuguesa e o Lingala simultaneamente, ao sul com a língua kimbundu e ao leste com a língua cokwe.

A etnia Bakongo é constituída pelos grupos kongo do sul, kongo do sudoeste e kongo do oeste (que integra ybinda, fyote7/fiote/fiote, kiyombe e kiwoyo localizados especialmente em Cabinda), ndingy, mboka, kisikongo, kizombo, kindibu, kimanyanga, mbala e vungunya. Os pequenos grupos são constituídos por vily, yombe, kakongo, oyo, sorongo (ou solongo), muchikongo, sosso, kongo, zombo, yaka, suko, pombo, luango, guenze, paka, koje, bata e sundy (Chicumba, 2019, p. 13).

Cokwe: O cokwe é a língua franca do grupo etnolinguístico Lunda Cokwe que estão localizados nas regiões Nordeste e Leste do território angolano abrangendo as províncias da Lunda Norte, Lunda Sul e Moxico, e partes do Bié, Malange e Kwando-Kubango (SASSUCO, 2021). A língua Cokwe convive no mesmo espaço com outras línguas sendo a oeste com o kikongo e o kimbundu ao sul com a língua nganguela e a sudoeste o umbundu. “Este grupo é representado pelas etnias minungo, ulanda, ukhongo, lunda, luvale e subdivide-se em pequenos grupos como lunda, lunda-lua-chinde, lunda-ndembo, cômwe, mataba, kakongo (ou badinga) e may” (Chicumba, 2019, p. 13).

Helelo: esta língua é o principal meio de comunicação do grupo etnolinguístico Herero que está localizado na região sul de Angola, especificamente na província do Namibe. Este grupo ainda vive isolados do resto da sociedade angolana por ser semi-nômades e ainda existem poucos estudos sobre os mesmos.

A etnia Herero subdivide-se em vários grupos afins nos quais encontramos características semelhantes que claramente evidenciam uma raiz étnica comum. A título indicativo, temos os Kuvaless ou Mucubais, os Himbas ou Muhimbais, os Namas, os Zembas, os Kwandus, os Tjavikwas, os Mbaderos, os Hachonas e tantos que fazem parte do grupo Herero (Lúcio; Sabba, 2015, p. 280).

Nganguela: Esta é a língua franca do grupo etnolinguístico com o mesmo nome (Nganguela). A sua maior extensão territorial está a sudoeste de Angola. A concentração da população nganguela em Angola está em sua maioria na província do Kwando-Kubango e em pequenos grupos nas províncias da Huíla, Moxico e Bié. Para Chicumba,

A etnia nganguela é constituída pelos grupos lukazy, luyana, kwandy, mbowe, mdundulu, ymilangu, mishulundu, mashy, kwandu do norte, kwandu do sul, mbangala, yongo, ngandyera, kwamby, nkumby e nkumby-mulondo. Integra igualmente os subgrupos luimby, luena, luvale, lutchaz, bunda, ngangela, ambuela, ambuela-mambumba, engonjeilo, ngonielo, mbande, kangala, yahuma, gengista (ou luyo), ngoia, camachy, ndungo, nhengo, nhemba e aviko (Chicumba, 2019, p. 14).

Nyaneka e Oshikwanyama: Estas duas línguas são principais meios de comunicação dos grupos etnolinguísticos Nhaneca-Humbe e Kwanyama sequencialmente que abrangem o extremo sul do estado angolano. A população desses dois grupos se concentra nas províncias da Huila, Namibe, Cunene e Kwando-Kubango.

Estes grupos são constituídos pelas seguintes etnias: nyaneka, humbe, mwila, ngambwe, handa, chipungu, chilengue, oshiwambo, kwamby e nbandja. Repartem-se em pequenos grupos como os gambo, humbe, donguena, hinga, kuankua, handa (mupa), handa (kipungo), kipungo, kilengue-humbe e kilengue-muso (Chicumba, 2019, p. 14).

Ovambo: Este grupo etnolinguístico está localizado a extremo Sul de Angola, na Província do Cunene, onde faz fronteira com o país da Namíbia, que possui uma maior concentração desse grupo étnico. A língua veicular do grupo ovambo é o Ochikwanhama/Kwanhama. Para Melo (2010, p.34) “os Ovambos, Bantus, (que se subdividem em Cuanhamas, Cuamatos e Muvaless”.

Ovimbundu: O grupo etnolinguístico ovimbundu é o que possui maior extensão territorial em Angola. Este grupo se concentra na região do planalto central, no centro-sul do país e sua população se concentra entre as províncias de Benguela, Huambo, Bié e parcelas de Kwanza-Sul, Huíla e Namibe. A língua veicular do grupo ovimbundu é o umbundu (SASSUCO, 2022). Os subgrupos do grupo étnico Ovimbundu são os “mbanlundu, ngoongo e yaka e subdividem-se em pequenos grupos como viyé, mbalundu, sele, sumbe (ou npinda),

mbuy, kissanje, lumbu, ndombe, hanha, nganda, wambu, sambo, kakonda, chikuma, kyaka e ngalange” (Chicumba, 2019, p. 14).

Oxindonga: Esta língua franca é o meio de comunicação dos povos do grupo etnolinguístico Xindonga/Ovandonga que se concentra nas regiões sudeste e parte do sudoeste de Angola, especificamente ao sul da província do kwando-kubango. O grupo possui também sua extensão na Namíbia. Em Angola o grupo possui três subgrupos “Kusu, Nyengo e Sambio” (Algarve, 2016, p. 33).

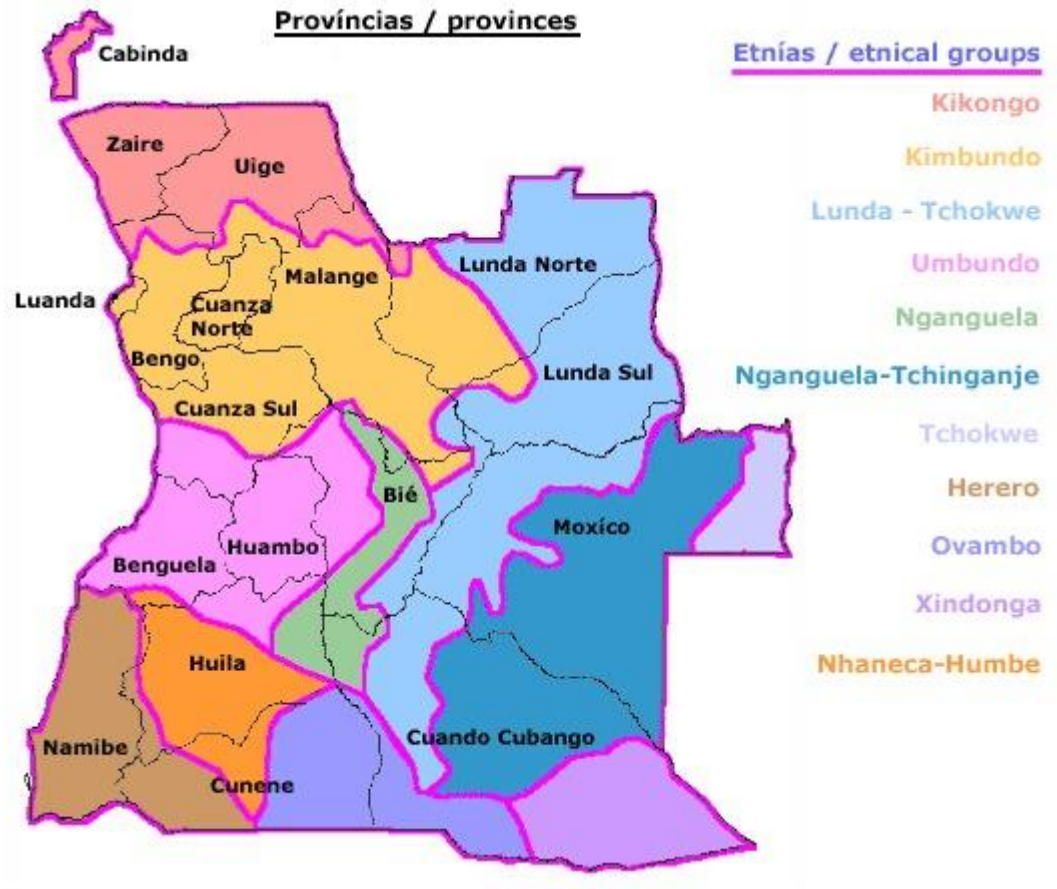
Além da extensão dos grupos etnolinguísticos, de origem bantu também se encontram nas extensões territoriais de Angola os povos Khoisan e Vátua. Esses grupos étnicos também possuem sua extensão territorial dentro e fora de Angola.

Khoisan/ !kung e san: Este grupo etnolinguístico foram os primeiros a habitar no território onde hoje é Angola. A sua localização vai deste a região Sul em pequenos grupos nas províncias do “Cunene, Namibe, Kuando Kubango, Huila e Namibe (KONDJA, 2021). O grupo Khoisan em Angola se constitui pelos subgrupos “Kankala (Bochimanes), Hotentote, Kazama, Kasekele, Kwankala”, com as línguas do mesmo nome (Gonçalves, 2018, p. 73).

Língua Vátua: Esta língua pertence ao grupo etnolinguístico Vátua que tem a sua concentração na região Sul angolano especificamente na Serra da Chela e no mar na província do Namibe. Os vátua são constituídos pelos subgrupos **Kwepe** e **Kwisi**, de acordo com Gonçalves (2018, p. 73).

A língua Lingala é considerada língua dos grupos etnolinguísticos bakongo e bangala e seus falantes são provenientes de outros países e tendo sido trazida para Angola em grande número pelos regressados (Pereira, 2021, p. 323). Segue abaixo o mapa de distribuição dos principais grupos etnolinguísticos de Angola.

Mapa 1 - Distribuição dos grupos etnolinguísticos de Angola



Fonte: Angola.net (2022).

Nesta pesquisa deixamos clara a ideia de que os limites linguísticos não coincidem com os limites geopolíticos. Por isso, os falantes de uma determinada língua, podem se localizar em outras províncias, municípios ou comunas resultantes do deslocamento da população por diversos fatores, dos quais já mencionados nesta pesquisa. Desta forma, Gonçalves (2018) descreve sobre esse assunto afirmando o seguinte:

No que diz respeito aos regionalismos, estes designam vários elementos diferenciadores linguísticos que se consolidaram através do conservadorismo cultural ou social, com ocorrência numa determinada localidade e restringidos a zonas com uma grande particularidade linguística. São especificidades internas e geográficas, cuja explicação deve ser conhecida por meio de estudos diatópicos e integradas no objeto de estudo da dialetologia, área capaz de as tornar ímpares e específicas em relação aos demais dialetos e registos localizados no mesmo espaço ou em diferentes parcelas territoriais (Gonçalves, 2018, p. 39).

Nesse sentido, para uma definição melhor das “línguas nacionais angolanas” tudo dependerá do critério a ser utilizado pelo estado, mas como não se tem ainda um estatuto de línguas nacionais definidos, as leis que regem o país não se têm uma definição fixa sobre as

línguas nacionais. Mas não basta somente o estado angolano colocar essas línguas como nacionais, e não fomentar seu uso em Angola. Diante da realidade multilinguística, Angola deverá escolher uma política linguística que integre as línguas autóctones e o português como “nacionais” e acolher todas essas línguas porque elas complementam-se (Pedro, 2023).

2.8 LÍNGUAS DE FRONTEIRAS

Entende-se por fronteira, o limite que demarca um país e o separa de outro(s). Há fronteiras físicas e virtuais. As fronteiras de países na África foram demarcadas pelos europeus. Aliás, a Conferência de Berlim (1884/1885) tinha um único objetivo: demarcação de fronteiras entre países.

Quando se discutiu a noção de “língua nacional” falamos que os africanos não participaram da partilha de África em 1884/1885. Tudo foi decidido pelo ocidente e implementado à revelia dos africanos. A noção de país na visão dos grupos populacionais da África negra é a etnia, é o grupo de família. A imposição dos limites geográficos foi um golpe importante para os africanos porque famílias foram separadas por fronteiras artificiais.

Há fronteiras virtuais, aquelas que se ligam a etnia. A etnia é uma fronteira demarcada pela sociedade. É dentro desse cenário que se pode falar de línguas de fronteira. Definimos por “línguas de fronteira” aquelas que são faladas por dois ou mais povos separados por uma fronteira artificial. O problema das línguas de fronteira sucinta debate, tal como Sturza (2005).

Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros – o contato lingüístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas lingüísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela lingüística brasileira (Sturza, 2005).

No contexto de Angola, as fronteiras linguísticas surgiram em contexto de colonização e que até hoje provocam o preconceito tal como veremos mais adiante. O Lingala é uma língua de fronteira porque ela é predominantemente língua de comunicação dos povos dos congos. Devido aos contextos políticos, econômicos e sociais, o Lingala se transcendeu além de fronteiras dos congos e por isso mesmo ela é falada na República de Angola. Em Angola, poucos reconhecem o Lingala como uma língua angolana, mesmo sabendo que há muitos angolanos que falam como língua materna dentro do território angolano.

Na presente pesquisa está clara a ideia de que onde há línguas de fronteira há contato linguístico, consequentemente a presença do *code-switching* (alternâncias de códigos linguísticos) ou ainda empréstimos linguísticos de todo tipo. Há poucos estudos que se dedicam aos estudos de línguas de fronteiras em Angola, daí o nosso desafio em conseguir bibliografias sobre o tema. A flexibilidade do Lingala faz com que ela se torne uma língua franca. Define-se **língua franca**, um código linguístico usado “entre falantes de diferentes línguas maternas para quem ele é o meio de comunicação escolhido, e frequentemente, a única opção (Seidlhofer, 2011, p.7).

Uma língua franca não é escolhida pelo estado, mas sim pela população de forma natural por razões muito bem específicas, por isso que a língua franca não é uma variedade, mas sim um construto abstrato. De acordo com Gimenez et al. (2015, p.595) “ela não é reconhecida de um modo particular que podemos afirmar que tenha determinada forma, pois será sempre diferente para aqueles que a usarem.” Estas línguas de fronteira têm um impacto muito importante na vida da população e merecem estudos profundos tal com Sturza (2006) aponta na sua tese com o título “Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas”. De acordo com Sturza (2006, p. 35),

nas zonas de fronteira, nas quais o contato humano é mais intenso e a mobilidade das populações contribui para intensificar o cruzamento das línguas praticadas, a extensão e o uso das línguas estão constituídos por uma dinâmica muito particular, determinando inclusive uma política de línguas que se organiza, neste caso, a partir de um lugar que lhe atribui o falante.

Esta citação mostra que o estudo da língua Lingala em contexto angolano, e em contexto de fronteira é justo e necessário para que se possa tomar políticas linguísticas que efetivamente integram as línguas africanas na vida das populações. Nesta pesquisa entende-se que todas as línguas faladas no território geopoliticamente identificado têm toda legitimidade de ser estudadas e atribuídas um estatuto. Grande parte das línguas faladas em Angola não surgiram no espaço que hoje é Angola, o que significa que foram reconhecidas por meio do processo histórico, cultural e político. O estudo sobre a História da África mostra que os bantu vieram para a região onde hoje é Angola por um processo histórico e implantaram as suas línguas. Nesta perspectiva a língua Lingala merece o seu devido espaço no contexto angolano por ter sido integrado pelo movimento das pessoas de Angola para a RDC ou RC e vice-versa. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos linguísticos (1996), em seu artigo 20º

Todos têm direito a utilizar oralmente e por escrito, nos Tribunais de Justiça, a língua historicamente falada no território onde estão situados. Os Tribunais devem utilizar a língua própria do território nas suas ações internas e se, por força da organização judicial do Estado, o procedimento prosseguir fora do lugar de origem, deverá manter-se a utilização da língua de origem.

O falante da língua Lingala em Angola tem o direito de falar em sua língua em todos os espaços públicos, incluindo nos tribunais tal como a Declaração Universal de Direitos Linguísticos (1996) determina. A língua é importante porque está intimamente ligada à cultura e à identidade dos membros da comunidade de fala. Não é possível saber quantos angolanos falam Lingala porque o Recenseamento do Governo angolano por meio do INE não apresentou uma pergunta relacionada às línguas de fronteiras.

Pode-se ressaltar que em Angola, não há políticas linguísticas para a língua Lingala, embora sendo viva e ativa na vida das populações especialmente imigrantes que vivem em Angola. O destino das línguas cabe aos próprios falantes, pois ninguém proibirá que as pessoas falem as falem porque a língua é uma construção social e é na sociedade onde ela se desenvolve, varia e muda no tempo e no espaço (Labov, 2008).

O Lingala não é uma língua em perigo de extinção na África, pelo contrário, ela tende a se expandir aumentando o número de falantes. No caso da RDC, o Lingala é a segunda língua mais falada de acordo com o censo de (2020), em que o Lingala possui mais de 14 milhões de falantes ficando atrás de swahili. Na RDC para além do Lingala, se fala swahili e tshiluba que são línguas oficiais. Na RDC ainda se fala as línguas Kituba, nande, lendu, mongo, ngombe, songe, alur, nyarwanda, tetela, nyabwisha, ngbaka, hunde, yonbe, hembra, mashi, djonga, pende, budja, lega, tshokwe, bunda, bemba, zande, tabwa, sanga, fuliru, ngoli (Censo RDC, 2020). Algumas línguas angolanas são faladas em outros países e nesses espaços são reconhecidas as línguas de outras nações é o caso do tshokwe (cokwe) na RDC e em Angola respectivamente.

Conclui-se que as fronteiras linguísticas são diferentes das fronteiras geopolíticas, o que significa que uma língua pode ser localizada em dois ou mais países. A língua Lingala já é uma língua oficial na RDC e possui dicionário e gramática que podem ser utilizados no ensino desta língua em Angola, desde que haja vontade política para que isso aconteça.

3 CAPÍTULO 2: A LÍNGUA LINGALA COMO LÍNGUA MATERNA E NACIONAL DOS ANGOLANOS

3.1 A ORIGEM DO LINGALA E SUA LOCALIZAÇÃO NA ÁFRICA

Neste capítulo buscaremos descrever sobre a língua Lingala como língua dos angolanos buscando apresentar os contextos Lingala de uso. Iremos apresentar a cultura relacionada à língua Lingala no território angolano e estabelecer a relação com o Lingala da República Democrática do Congo (RDC) e República de Congo (RC). O nome da língua que está se discutindo nesta pesquisa se chama **ngala ou bangala ou mangala**. De acordo com Nzoimbengene (s.d.), o prefixo **li-** no nome **ngala** foi acrescido ao nome da língua (**ngala**) por missionários católicos da *Congregatio Immaculati Cordis Mariae* no século XX, por volta de 1901 quando queriam publicar gramáticas, dicionários, bíblias e torná-la língua da evangelização. A língua Lingala (classificação: C36d) é uma língua bantu que surgiu da variação da língua bobangi (classificação: C32), que é a mãe de todas as línguas das tribos das margens do Rio Congo. (Nzoimbengene, s. d.).

De acordo com o professor Philippe Nzoimbengene, a variante do Lingala mais próxima do original é o de **Makanza** porque é uma variedade mais próxima do padrão (clássico) falada por uma tribo, os Bangala ou Mangala, que habitava a foz do Lulonga, na República Democrática do Congo, entre Makanza e Mbandaka, na província de Équateur (Congo-Kinshasa). Estudos dos linguistas congoleses Dr. Mbulamoko Movoambe Nzege, Dr. Adolphe Dzokanga (YallAfrica, 2007) e Dr. Philippe Nzoimbengene apontam esta região onde supostamente o Lingala teria surgido. Mas o Lingala moderno sofreu interferências e empréstimos tanto das línguas africanas quanto do francês (Mbulamoko, 1991).

3.2 OS CONTEXTOS DE USO E RELEVÂNCIA DA LÍNGUA LINGALA EM ANGOLA, NA RDC E NA RC

O Lingala em Angola surgiu a partir das vastas guerras nos países de relações de fronteiras, na RDC, RC e Angola onde a migração dos grupos bakongo de Angola para os Congos e dos Congos para Angola eram intensa. Em entrevista realizada com investigador angolano Ndombele (2023), o grupo etnolinguístico bakongo em relação aos outros grupos etnolinguísticos de Angola tiveram uma proporção maior de resistência a colonização portuguesa o que intensificou nas guerras na região norte do país o que gerou a fuga de angolanos para os países vizinhos. Os refugiados de Angola se expandiram para a República Democrática do Congo e República do Congo e a partir da convivência que os angolanos mantiveram com os congoleses fizeram com que eles aprendessem a língua, tradições e a cultura e modo de vida dos congoleses.

Após a independência de Angola em 1975, os bakongo de Angola retornaram carregando a língua e a cultura dos povos da RDC e RC como explica a pesquisa de Adriano (2016). De referir, ainda, a existência de um número considerável de falantes das línguas francesa e Lingala, explicada pelas migrações e fuga de muitos Bakongos angolanos para a República Democrática do Congo, no início da guerra pela independência, e o seu regresso após a independência (ADRIANO, 2016, p. 42).

De acordo com Ndombele (2017, p. 82), “depois da independência de Angola, em 1975, com a entrada no país de centenas de milhares de pessoas vindas do ex-Zaire, o Lingala expandiu-se, tendo um estatuto próximo de língua nacional”. O lingada em Angola possui o estatuto de língua estrangeira, mas é essencial na vida dos angolanos. O Lingala se implantou em Angola devido às relações de fronteira e se expandiu devido às relações de comércio e atualmente influencia os angolanos no meio social, econômico e cultural.

Na constituição da República Democrática do Congo (2005), em seu artigo 1º: (a língua oficial é o francês; suas línguas nacionais são o kikongo, o Lingala, o Swahili e o Tshiluba. O estado assegura a promoção da discriminação. As outras línguas do país fazem parte do patrimônio cultural congolês cujo o estado assegura sua proteção. O Lingala é a língua materna da grande maioria dos congoleses e que chega a mais de catorze milhões (14.000.000) de Lingalafones, de acordo com o Censu (2020), e que é falada na República Democrática do Congo, na República do Congo, República Centro Africana, Sudão do Sul, partes de Camarões, Gabão e Quênia até Angola, nosso local de pesquisa.

Mapa 3 - Localização do Lingala na RDC

Fonte: <https://personnages.cd/souvenirs/l-histoire-et-la-geographie-des-4-langues-nationales-de-la-republique-democratique-du-congo>

O mapa mostra que o Lingala ocupa uma grande parte do país e as zonas de fronteiras linguísticas há interferências entre línguas. Do mapa pode-se observar que a República Centro Africana e Sudão fazem fronteira com a língua Lingala. No mapa da RC veremos que o Lingala faz fronteira com a República de Camarões, a República do Gabão. A localização geográfica de Angola permite o contato com várias línguas de fronteira, nomeadamente o kikongo (que já é falado em Angola), o tshiluba e kiswahili. Isso mostra como as fronteiras linguísticas são mais complexas porque perpassam as fronteiras geopolíticas.

Vejamos a seguir o mapa de RC-Brazzaville que mostra a localização dos Lingalafones. As línguas mais faladas na RC-Brazzaville é o kituba (25,2%), Lingala (22,9%) e o francês (21,6%), de acordo com a pesquisa³ do Dr. Omer Massoumou, da Universidade de Marien Ngouabi.

³ Disponível em: <http://www.unice.fr/bcl/ofcaf/21/Massoumou.pdf>

Mapa 4 - Localização do Lingala na RC-Brazzaville



Fonte: <https://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/congo.htm>

Na RDC e RC, as crianças aprendem a língua Lingala em casa e na escola, especialmente de primeira a terceira classe, só depois é que iniciam os estudos em língua francesa, língua oficial. O Lingala tem um estatuto privilegiado no seio da sociedade congolese, apesar do francês ser a língua de trabalho, da burocracia e das instituições públicas. O Lingala é considerado língua nacional (na RDC e RC) porque carrega a identidade congolese e tem o papel de unidade nacional. O Lingala é falado na Europa, especialmente por imigrantes de diversos países da África central que só se identificam como africanos pelo uso da língua Lingala. No domínio cultural, o Lingala é uma língua da música, dos contos tradicionais, das histórias e contos tradicionais, das cerimônias e ritos tradicionais.

Na câmara de deputados (parlamento congolês), os deputados usam o Lingala nas suas discussões sobre diversos temas. Há mais compreensão e liberdade na comunicação em Lingala do que quando se fala em francês. De acordo com o professor Philippe Nzoimbengene (da Universidade Católica de Louvain) na palestra realizada no canal do YouTube da Revista Njinga & Sepé⁴, “não há políticas linguísticas claras na RDC; não há academia de línguas; não há discussões com políticos na normalização ou valorização das línguas africanas da RDC. A constituição da RDC ainda está sendo traduzida para Lingala, o que mostra o atraso e a falta de interesse sobre as línguas africanas naquele país. Os políticos durante as campanhas eleitorais utilizam a língua Lingala porque é a língua mais conhecida mais próxima de todos os congolese, o que mostra a relevância desta língua em alguns setores da sociedade.

⁴ Palestra realizada no dia no dia 01 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOG4pAzSUGe>

A língua Lingala, sendo uma língua franca e de comunicação em vários países da África é de suma importância. Não importa a variedade falada em diversas partes porque a variabilidade linguística é uma característica normal de todas as línguas naturais. É uma língua de comércio, é uma língua da cultura, é uma língua da política e, sobretudo língua de maior uso dentro e fora da África.

De acordo com Mongaba (2013), o Lingala é língua da educação nas escolas em Kinshasa e em outras partes da RDC. É uma língua com ortografia padronizada que se une às gramáticas e dicionários disponíveis. A pesquisa de Mongaba (2013) identificou que as pessoas falam o Lingala nos ônibus na rua, no mercado, nas emissoras de tv, nas rádios, na internet, nos bairros e em família. Cada lugar e situação por ele vivido era composta por variedades do uso desta língua. A pesquisa de Mongaba (2013) mostrou que em Kinshasa há muita literatura em Lingala para além de revistas e outras produções científicas. Este exemplo só fortifica que o uso linguístico do Lingala ocupa um lugar relevante das populações congoleesas dentro e fora dos seus países. Se refletirmos dessa forma só nos resta concluir que em Angola, a língua Lingala merece ter o seu devido espaço, valorizando-a em todas as instâncias da sociedade angolana.

3.3 LÍNGUA E CULTURA NA LÍNGUA LINGALA

A cultura esta intrinsecamente ligada à língua em vários aspectos porque a língua ela é veículo da cultura. Há fenômenos da língua que só podem ser compreendidos apenas dentro do contexto da cultura. Primeiramente precisamos entender que a cultura é um conjunto de práticas, de comportamentos, de hábitos e costumes de uma determinada comunidade. Os significados das palavras escondem traços da cultura que provocam com que haja a variedade linguística. Na pesquisa que fala sobre os ‘marcadores de discurso’ em Lingala, a partir de um estudo semântico e pragmático baseado em um corpus oral de Lingála de Kinshasa” Nzoimbengene (2017), conceitualizou e operacionalizou uma síntese de possíveis funções globais e contextuais, que delineiam e circunscrevem o significado e os valores expressivos de *(é)bóngó* ‘então’, *(é)kasi* ‘mas’, *tálá* ‘olhar’ e o binômio *no pronome pessoal* na cadeia fixa (verbo proclítico_na_pronome anafórico do sujeito gramatical). Nas análises, Nzoimbengene (2017), aponta exemplos que estabelecem as relações entre o Lingala e a cultura congoleesa, pois são quatro expressões típicas que emergem das conversas cotidianas e das interações verbais. A tese conclui que essas palavras da língua Lingala constituem, cada uma em seu contexto de uso, uma espécie de metadiscurso dentro do discurso. São, portanto, como

discursos em miniatura, condensados e expressivamente potentes, em paralelo com o discurso principal, ou seja, com o conteúdo proposicional do enunciado que os acolhe, não na modalidade de “submissão”, mas sim de “colaboração” (Nzoimbengene, 2017).

Quando nos falamos de variedade linguística nos referimos as particularidades que uma língua tem em um determinado espaço. Por exemplo, o português angolano é uma variedade da língua portuguesa que é falado no espaço geopolítico chamado Angola. A presença da cultura angolana na variedade do português angolano é forte, daí que podemos obter unidades lexicais como: “capraça (praça pequena), caloja (loja pequena), caprédi (prédio pequeno), quicasa (casarão), quipraça (praça grande)” (Sassuco, 2016, p. 210). Os exemplos que acabamos de mostrar revelam a ideia de que o português em Angola recebe influências das línguas locais, neste caso a influência do kimbundu na formação do diminutivo e dos subjetivos, onde os prefixos **qui** e **ca** (prefixos das línguas bantu) são integrados nas palavras do português.

Do mesmo modo as unidades lexicais **kamba** (amigo), **kota** (mais velho), **ndengue** (mais novo), são unidades lexicais provenientes das línguas bantu e integradas ao português. Os empréstimos linguísticos provenientes das línguas angolanas carregam os significados das línguas locais para o português. De acordo com Sassuco (2016, p. 215), “esse português falado nesse recinto cultural das línguas bantu acaba de se caracterizar com muitos aspectos evidentemente reconhecidos e de proveniência desmentida das línguas bantu”.

Se a cultura é o conjunto de todas as práticas de uma determinada comunidade, a canção tem ocupado um espaço importante na vida da sociedade angolana. No estudo de Monte (2019), que aborda sobre “a canção kongo e ovimbundu: tradições e identidades”, a pesquisa mostra que as canções conseguem manter as tradições com inserção de letras provenientes das línguas bantu. Desta forma “os mestres da palavra são altamente respeitados, porque invocam os antepassados e com eles comunicam diretamente, são porta-vozes do mundo dos mortos para o mundo dos vivos” (Monte, 2019, p. 42).

A língua usada pelos mestres das palavras é a língua angolana, o que mostra como há relações fortes entre a língua e a cultura do povo kongo e Ovimbundu. Essas canções que se ligam a cultura são cantadas no meio de uma língua que é intraduzível, mas sim interpretável, incluído os significados que esta mesma carrega.

A música é uma forma de manifestação da cultura. Agora vamos apresentar uma letra da música de uma cantora angolana que apresenta marcas da língua Lingala. O nome da cantora é Neide Sofia (Kende)

Não me toca lá, ya
 Não me arranha só mais, ê
 Não me toca lá, ya
 Não me arranha só mais, ê
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Nalingui yo, lisusu te
 Pardon, Kende
 Eu te tinha como um bebé
 Meu amoré
 Mayo, opesengo va le arreter
 Mayo, yo jakenga natina te
 Mayo, yo pesenga bolingo te
 Mayo!
 Não me toca lá, ya
 Não me arranha só mais, ê
 Não me toca lá, ya
 Não me arranha só mais, ê
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Kende papa hum
 Sikoi yo, olingui ozonguela ngai
 Desculpa não cura ferida
 Você foi embora, agora quer voltar é

A letra da música não deixa dúvidas de que há mistura de línguas. Esse fenômeno não ocorre por acaso. Trata-se de uma estratégia discursiva, estratégia artística com vista a chamar atenção aos falantes das línguas utilizadas. Vejamos o quadro 2 que mostra essas frases de Lingala e de português.

Quadro 2 - Frases em Lingala

Frase em Lingala	Tradução em português
Kende papa hum	Vai pai hum
nalingui yo, lisusu te/ na lingi yo, lisusu te	Não quero mais você
Mayo, opesengo va le arreter	Mayo, não me deste valor.
Mayo, yo pesenga bolingo te	Mayo, não me deste amor.
Mayo, yo jakenga natina te/ Ozoki nga na tina te	me feriste sem nenhum motivo.
Sikoi yo, olingui ozonguela ngai	agora, queres voltar para mim

Na música em análise, a compositora da música tem o cuidado de satisfazer duas comunidades de fala: as de português e as de Lingala. Com a música não só alcança o público angolano, mas também o público de mais seis países falantes de Lingala. Os cantores angolanos, tal como se pode observar na música da cantora Neide Sofia (Kende), trazem recurso linguístico da língua Lingala para marcar a sua identidade cultural e o valor que essa

língua possui na sociedade angolana. As palavras: *kende* (vai), *na lingui yo* (amo você /gosto de você/ te quero), *lisusu te* (mais não/de novo não), *Sikoi yo* (você agora), dentre outras fazem parte do acervo lexical do Lingala. A presença dessas unidades lexicais nas músicas angolanas se justifica pelo poder que as línguas têm na comunicação cotidiana. A autora da letra da música está ciente ao fato de que as palavras em Lingala chamarão atenção aos ouvintes angolanos, congolese e de outras nacionalidades que falam essa língua e desta forma a música se torna internacional. O artista quer ser ouvido, quer chamar atenção para a sua arte, e assim vale misturar palavras de várias línguas para ressignificar a sua música e integrar diversas nações.

Isto se torna frequente nas músicas angolanas principalmente pelos cantores bakongo. A partir disto, a introdução da língua Lingala em Angola se fixa no cotidiano da população angolana. Uma pessoa que ouve uma música em português e ao mesmo tempo em Lingala absorve a língua por meio da música. A língua se expande entre este indivíduo e na sua comunidade de fala.

Mesmo havendo muitos falantes da língua Lingala ainda se argumenta que o Lingala não é uma língua de Angola. De acordo com Ndombele (2017, p. 82), “[...] o Lingala, em Angola não faz parte do conjunto das nossas línguas nacionais, porém, com o andar do tempo e a evolução das sociedades, tem vindo a ocupar um lugar de destaque”. Esta afirmação reconhece a existência da língua Lingala e se a língua é falada por pessoas vivendo num espaço geopolítico, essa língua pertence a esse povo. Qualquer tentativa de apagar a presença linguística é um preconceito que deve ser combatido porque a língua pertence aos falantes, a comunidade de fala independentemente da vontade dos indivíduos. Entende-se por **preconceito linguístico** a discriminação social que consiste em julgar o indivíduo pela forma como usa a língua incluindo a negação da mesma. De acordo com Bagno (2009, p. 24-25), “todo país que se pretenda genuinamente democrático tem que estabelecer uma política linguística racional e transparente, voltada para o bem de todos os cidadãos”. Ora se em Angola tem populações que falam Lingala essa língua não pode ser apagada porque ela carrega uma identidade sociocultural resultante da história construída pela humanidade.

Os oito mitos apresentados por Bagno mostra a sutilidade de um preconceito enraizado na sociedade “alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, colunas de jornal e revista, em livros e manuais[...]” (Bagno, 2009, p. 23), e que esta atitude provoca exclusão social, econômica e política. O kimbundu, o nganguela, o cokwe e o Umbundu não surgiram no espaço geopolítico onde hoje é Angola. Essas línguas chegaram por um processo histórico que merece ser respeitado por todos, sem exceção.

O comércio é um espaço muito interessante para a prática da língua Lingala. Muitos angolanos aprendem o Lingala durante o desenvolvimento das atividades comerciais, em um espaço em que pessoas de diferentes nacionalidades utilizam o Lingala como uma língua franca⁵. A foto 1 mostra um espaço público onde se pratica fluentemente a língua Lingala em Angola. As trocas comerciais na área do mercado sustentam a prática da língua, consolidando-a de gerações em gerações. É nos mercados do território angolano que encontramos uma quantidade grande de falantes da língua Lingala porque o comércio envolve estrangeiros, especialmente cidadãos de um dos Congos. Conhecer Lingala implica ter alguns descontos na compra dos produtos, especialmente no Kikolo. Conhecer Lingala implica sofrer preconceito social uma vez que pode ser considerado “regressado, zairense, langa, estrangeiro ou ainda refugiado, ser associado aos bakongo e ao modo de vida dos mesmos. Conhecer Lingala implica ser confundido com estrangeiro. Os vendedores dos mercados em Angola se expressam em Lingala. Esse espaço é totalmente plurilíngue. Ali vemos uma proporção maior da língua Lingala. Nos mercados as zungueiras (vendedoras, comerciantes informais, de rua) vendem panos, *fubá*, *katato*, *kisaca*, *fwmbua*

Foto 1 - Mercado fronteiriço do Luvo



Fonte: Jornal de Angola (24/11/2023)⁶

⁵ Língua franca ou língua de contato é a língua que um grupo multilíngue de seres humanos intencionalmente adota ou desenvolve para que todos consigam sistematicamente comunicar-se uns com os outros. Essa língua é geralmente diferente de todas as línguas naturais faladas pelos membros do grupo.

⁶ Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mercado-do-luvo-reabre-a-atividade-comercial/>

Este espaço parece um lugar simples, desconsiderável, mas é o berçário da consolidação da Lingalafonia. É um espaço de práticas linguísticas fortes e da aquisição da língua que é reforçada no espaço familiar.

4 CAPÍTULO 3: DOCUMENTOS INTERNACIONAIS SOBRE AS LÍNGUAS

4.1 O CONCEITO DE DOCUMENTOS INTERNACIONAIS

Os documentos internacionais constituem um guia de orientação para os governos e povos signatários de uma determinada organização. Quando os governos de países assinam ou ratificam documentos assumem um compromisso como a organização a que pertencem e com a nação que representam. Cabe a esse governo implementar os termos do acordo. Esse é o princípio básico das relações internacionais, até porque as políticas internacionais devem contribuir de certo modo para a qualidade de vida, de bem estar das nações.

Angola é signatário de muitos documentos internacionais em nível mundial (UNESCO, ONU), em nível continental (UA), em nível da região (como a SADC). O problema das línguas parece não ser um assunto urgente dos governos. A princípio nos parece a falta de conhecimentos sobre a relevância e o impacto das línguas na vida dos cidadãos. Os políticos angolanos devem analisar documentos internacionais fazendo com que tenham valor jurídico prático tal como os artigos preconizam. Não basta assinar e deixar no papel. É necessário que as medidas aceitas sejam implementadas na vida prática. As decisões dos documentos internacionais podem ser incorporadas na constituição, em decretos, em leis, portarias e que merecem a proteção do estado e dos governos. Nesta parte analisaremos três documentos internacionais nomeadamente a “Carta africana”⁷, a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁸ e a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.

Os Documentos internacionais guiam as formas de atuação ao nível mundial por forma a que estados e governos possam tomar medidas para a resolução dos problemas comuns das sociedades. Um documento internacional é assinado por dois ou mais ações na busca pela igualdade, pelo desenvolvimento social, econômico, político e cultural. Um documento internacional é assinado quando duas ou mais nações entram em acordo sobre um determinado tema. Nesta pesquisa interessa documentos que abordam as questões linguísticas porque elas são de suma importância para a preservação, a manutenção, a proteção e o ensino das línguas.

Os documentos que serão apresentados nessa parte são muito relevantes para a causa linguística se entendermos a língua como entidade dinâmica e que pode desaparecer, ou

⁷ Disponível em:

<https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f1aeba5f6c4d711ecbe6e5141d3afd01c/CartaBanjul.pdf>

⁸ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

morrer no tempo e no espaço se não for revitalizado. Uma língua pode morrer se todos os seus falantes deixam de existir. De acordo com o Atlas Mundial de Línguas em Perigo, estima-se que haja 7.000 línguas faladas no mundo. Essas línguas são “expressões culturais mais importantes de um povo” porque a língua unifica, agrega e pode ser responsável por grandes transformações (IPOL, 2021).

As línguas africanas enfrentam problemas graves porque a ideologia colonial proibiu o seu uso, que dizer, as línguas constituíram um objeto da colonização, uma vez que elas eram consideradas dialetos enquanto as línguas europeias eram consideradas “línguas”. Essa ideologia ainda persiste nos dias de hoje porque está implantada no seio das comunidades. Por essa razão o ensino das línguas africanas ainda é um tabu, é um instrumento de discordância entre os políticos que até resistem na aprovação de leis que favoreçam as línguas. No caso dos PALOPS quarenta anos após a independência, nenhuma língua de origem africana é oficial apesar das constituições reconhecerem as suas existências.

4.2 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INTERNACIONAIS EM CONTEXTO DAS LÍNGUAS ANGOLANAS

A Carta Africana é um documento criado em 1981 pela Organização da Unidade Africana (OUA) em Banjul, Gâmbia pelos chefes de estados dos países do continente africano. Esta carta tem como intuito “assegurar a promoção e a proteção dos direitos e liberdades do homem e dos povos, tendo na devida conta a primordial importância tradicionalmente reconhecida na África a esses direitos e liberdades” (OUA, 1981, s. p.).

O artigo 12º da Carta Africana determina que: “Toda pessoa tem o direito de sair de qualquer país, incluindo o seu, e de regressar ao seu país. Este direito só pode ser objeto de restrições previstas na lei, necessárias à proteção da segurança nacional, da ordem, da saúde ou da moralidade públicas”. Os regressados vindos dos países de fronteira têm o direito de ocupar o espaço que hoje é Angola utilizando a língua e cultura que foi adquirida nesses países. Esses regressados passam por preconceito diariamente pelos seus hábitos e modos de vida são chamados de zairense por terem vindos do congo Zaire e de langa por ter regressado da República Democrática do Congo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos defende que “Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar. (Art. 13º).

Os “regressados” voltaram para a Angola com o Lingala e seus filhos falam Lingala como língua materna, usa-a na vida cotidiana, essa língua pertence ao povo angolano. Faz sentido integrar o Lingala como uma das línguas angolanas porque tem locutores, tem o uso cotidiano e com mais frequência e que pode ascender a um estatuto importante se as políticas linguísticas o permitirem. As línguas adquiridas passam por preconceito, ou seja, os falantes da língua têm que se adaptar e são obrigados ao não uso de sua língua.

Não se trata de uma questão de querer ou não que o Lingala seja uma língua nacional angolana. A língua está lá, está sendo usada, está sendo falada para diferentes fins. Qualquer tentativa de conflito linguístico não se configura justa até porque nenhuma língua bantu angolana surgiu em Angola. Se todas as línguas vieram pelo processo histórica, incluindo o português, não se entende por qual razão se pode desencorajar o Lingala.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1996) em seu Artigo 16 determina que “Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução” (DUDH, 1948). Os angolanos falam a língua Lingala porque constituíram matrimônio com congoleses e essa relação social trouxe a língua para Angola. Os casamentos entre esses grupos geralmente são tradicionais, onde fazem o alambamento, pedido, a carta a entrega de pano. A língua Lingala é cantada durante a festa de casamento e as danças integram a cultura.

O ser humano deve gozar das liberdades individuais e coletivas e que nessas liberdades se inclua a língua, tal como o Artigo 2 da DUDH (1948) apresenta: “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, **língua**, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”. Desta forma os angolanos falantes de Lingala tanto nas regiões fronteiriças quanto nas cidades (Cabinda, mbanza congo, Malange, Dundu, Sumbe entre outras) devem gozar desta liberdade e deste direito porque a língua é um dos instrumentos mais importantes da comunicação. Este direito humano deve ser respeitado para que os cidadãos consigam exercer a sua cidadania de forma mais plena sem inibição e sem preconceitos.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL) é um documento oficializado pela UNESCO em junho de (1996) e várias organizações não governamentais cujo teor documental é a utilização e o uso, das línguas assim como a proteção das línguas ameaçadas de extinção. Essa declaração busca “corrigir os desequilíbrios linguísticos com vista a assegurar o respeito e o pleno desenvolvimento de todas as línguas e estabelecer os

princípios de uma paz linguística planetária, justa e equitativa, como fator fundamental da convivência social”, (1996: s/p). O Artigo 9º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) afirma que “Todas as comunidades linguísticas têm direito a codificação, estandardizar, preservar, desenvolver e promover o seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas”. A realidade linguística angolana não é contemplada na prática por essa parte da declaração universal dos direitos linguísticos, pois o uso forçado e a interferência da língua portuguesa em Angola obrigam os angolanos ao não uso das outras línguas de uso social. Deste modo, a língua portuguesa amplia sua área de atuação com um domínio linguístico que pode levar à extinção das comunidades linguísticas angolanas.

5 CAPÍTULO 4: METODOLOGIA E ANÁLISES

5.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia é uma das fases mais importantes na investigação científica porque é nessa parte onde as teorias são testadas. A metodologia precisa de ser clara, bem delimitada e conectada aos objetivos da pesquisa. É na metodologia onde o pesquisador demonstra as atividades da seleção e busca dos fenômenos a se estudar. A metodologia é a parte da pesquisa científica em que o pesquisador aprofunda os conhecimentos e busca por novas descobertas para uma contribuição em favor da ciência (Cervo, Bervian, Da Silva, 2007).

Para a presente pesquisa será realizada uma pesquisa documental e exploratória. Para além disso, a pesquisa analisa os dados com base no método quantitativo, porque utilizará dados numéricos para chegar às conclusões. Uma pesquisa quantitativa se apoia predominantemente em dados estatísticos e visa gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística gerando uma precisão de resultados. De acordo com os autores esta pesquisa busca evitar erros de análise e interpretação, medindo opiniões, atitudes, preferências e comportamentos possibilitando assim a inferência dos resultados. Por isso que os resultados geraram gráficos, porcentagens e permitiram compreender os fenômenos em estudo.

Uma pesquisa documental é aquela que é desenvolvida por meio de documentos físicos ou eletrônicos disponíveis no seu campo de investigação. A pesquisa documental permite análise a partir de leis, decretos, constituições, e outros materiais oficiais nacionais e internacionais. Por outro lado, uma pesquisa exploratória

realiza descrições precisas da situação que quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes. Este tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação (Cervo, Bervian, Da Silva, 2007, p. 63-64).

Uma pesquisa exploratória visa familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma percepção e descobrir novas ideias. Para isso, selecionamos Angola, por ser um país multilíngue e que apresenta uma língua internacional africana, que é o Lingala.

Os principais critérios linguísticos da seleção são: língua, política linguística existente, preconceitos e relevância da língua para a sociedade. Não fazem parte da pesquisa angolanos que não conhecem ou falam a língua Lingala; menores de 18 (dezoito) anos e cidadãos que

não tenham nacionalidade angolana. Para a coleta de dados construímos um questionário (digital) para a coleta dos dados. Um questionário “é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevados de questões apresentadas por escrito as pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (Gil, 2011, p.128). Para Barros e Lehfeld (2007, p.105) “é um instrumento mais usado para o levantamento de informações.” O questionário é um documento escrito, constituído por perguntas abertas e fechadas. O documento pode ser entregue diretamente ou entregue pelos correios, por email, pelas redes sociais ou outros meios para ser respondido em um período determinado.

Este instrumento não foi submetido ao Comitê de Ética porque as leis brasileiras não teriam validade jurídica para o Estado Angolano, a não ser que fosse por meio do Itamaraty (Ministério de Relações Exteriores). Por limitações financeiras não foi possível realizar esse contato formal. Havia vontade nossa de coletar os dados presencialmente em Angola, mas pela mesma razão não foi possível. Apesar de limitações da pesquisa, entendemos que as escolhas metodológicas trouxeram resultados confiáveis para o método científico.

O questionário foi composto por 30 (trinta) perguntas dos tipos aberta e fechada. Este questionário foi destinado para fins acadêmicos, por isso a identidade dos participantes da pesquisa foi preservada em sigilo, o que significa que a pesquisa utilizou os dados linguísticos apenas. Todos os informantes concordaram em participar de forma livre, espontânea e com consentimento. Os que não concordaram com a pesquisa não responderam o questionário e tivemos o retorno deles. Não é possível saber quantos recusaram porque o formulário digital não permite visualizar.

Pedimos para que os participantes preenchessem todos os campos para que pudéssemos aproveitar as informações relevantes para a pesquisa. O questionário foi especialmente destinado para angolanos que falam ou entendem a língua Lingala. Os critérios sociais da seleção dos participantes foram: ser angolano, conhecer ou falar a língua Lingala, ter maior de idade e ter algum dispositivo eletrônico. Os participantes da pesquisa receberam o link do formulário por e-mail, por Whatsapp, pelo Facebook e pelo Instagram. O preenchimento do questionário teve duração de 6 dias. Findo prazo do preenchimento o questionário foi bloqueado para não permitir a recepção de mais respostas.

A escolha do questionário se justifica por ser um instrumento eficiente e de baixo custo podendo alcançar um grande público em curto espaço de tempo. Trata-se de um documento de coleta de dados que facilita a recolha de informações para um público distante geograficamente e heterogêneo. O questionário

possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (Gil, 1999, p.118).

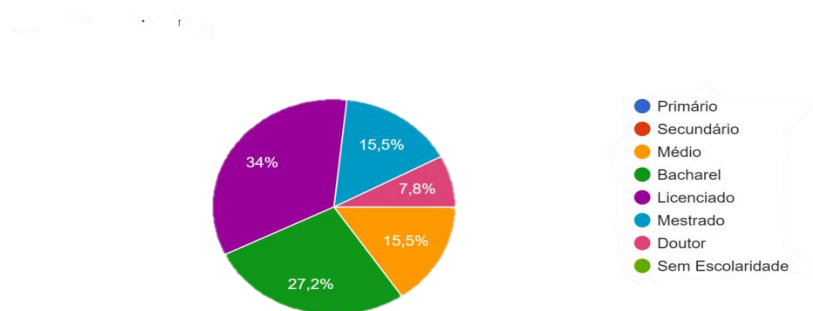
Para o preenchimento contamos com a colaboração de estudantes angolanos da Unilab que têm familiares em Angola e facilitaram contatos para que o questionário seja preenchido. Contamos com a colaboração de professores angolanos, professores da UNILAB, amigos, grupos das redes sociais e a turma de língua Lingala a qual participamos. Recebemos dúvidas de cerca de 10 (dez) participantes da pesquisa e que foram devidamente esclarecidos por meio das redes sociais. O questionário obteve 103 respostas que foram analisados de acordo com a metodologia selecionada (método quantitativo).

5.2 ANÁLISE DE DADOS

Da coleta de dados foi possível obter 103 participações dos informantes. Por questões de sigilo as suas identidades serão preservadas e em cada citação ou referência utilizaremos o código do formulário (INF1= Informante 1). Com relação a primeira questão, participaram da pesquisa 79, 6% de homens e 20, 4% de mulheres. Houve pouca participação das mulheres e não é possível aferir as razões da fraca participação delas.

Com relação as idades, a pesquisa dividiram em quatro faixas etárias: a primeira de 18 a 30 anos a segunda 31 a 40 anos a terceira de 41 a 50 anos e a quarta de 51 a, mais anos. A pesquisa identificou a maior participação de jovens de 18 a 30 anos o correspondente a 60, 2%. As outras faixas etárias tiveram 34% (adultos de 31 a 40 anos), 2,9% (de 41 a 50 anos), e 2,9% (para 51 ou mais anos). A aderência maior dos jovens se justifica pelo fato dos jovens terem maior acesso às redes sociais e as tecnologias, o que fez com que eles recebessem o link do questionário e responder com mais brevidade e rapidez.

Com relação à escolaridade houve maior participação de informantes com nível de bacharel e licenciatura. O gráfico 1 ilustra a distribuição dos participantes por nível acadêmico.

Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos informantes da pesquisa

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação ao lugar onde os informantes nasceram, os dados apontam que a maior parte nasceu em Luanda com (57 casos), seguido de Uíge com (14 casos), Zaire obteve (7 casos), Cabinda com (6 casos) Huambo e Malanje contou (3 casos cada), Benguela, Bié, Huila, Lunda Norte e Lunda Sul com (2 casos cada) Bengo, Cunene e Kwanza Sul (1 caso cada). Desta forma observa-se a representatividade do país, embora a maior ênfase seja Luanda, sendo capital e com mais casos.

Perguntados sobre as províncias/municípios onde se fala Lingala, os informantes disseram que se fala na província do **Bengo** (municípios de Ambriz, dande, dembo). Na província de **Cabinda** nos municípios de Belize, Buco-Zau, Cabinda e Cacongo. Na província de **Luanda** nos municípios de Luanda, Kilamba Kiaxi, Viana, Belas, Cazenga, Cacuaco, Quiçama, Icolo-e-Bengo e Talatona. Na província de **Lunda Norte** nos municípios de e Cambulo, Cuango, Chitano, Lucapa e Capenda-Camulemba. Na província de **Lunda Sul** no município de Saurimo. Na província do **Moxico** no Município do Luau. Na província do **Uíge** nos municípios de Alto Cauale, Ambuíla, Bembe, Buengas, Bungo, Damba, Macocola, Mucaba, Negage, Puri, Quimbele, Quitexe, Sanza Pombo, Songo, Uíge e Maquela do Zombo. Na província do **Zaire** nos Municípios de Kuimba, de Soyo, Mbanza Congo, N'zeto, Tomboco e Noqui. Na província de **Malanje** e Na província de **Kwanza Sul**.

Das informações da pesquisa se construiu o seguinte mapa que localiza as províncias onde possui locutores de Lingala:

Mapa 5 - Expansão da língua Lingala em Angola**Expansão da língua lingala em Angola**

Fonte: elaboração própria.

Perguntados sobre a língua materna, a grande maioria tem o português como língua materna sendo 86 casos, o que mostram que as faixas etárias de jovens e adultos aprenderam o português como língua materna. A primeira e a segunda faixa etária correspondem a cidadãos que nasceram após a independência (1975). Isso significa que após a independência em 1975 grande parte dos angolanos valorizou mais o português e abandonou as suas línguas africanas. A Constituição da República de Angola de 1975 oficializou o português, o que incentivou a expansão do português. Essa discussão é comprovada pelos dados da pesquisa que mostram que os cidadãos da faixa etária 1 e 2 conhecem ou aprenderam o português como língua materna em casa. As outras línguas maternas são: o Kikongo (13 informantes), Lingala (12 informantes), Umbundu (5 informantes), Cokwe (3 informantes), Inglês (2 informantes), Francês (2 informantes), Kimbundu (1 informante), Ibinda (1 informante) e Songo (1

informante). Houve alguns casos onde o informante apresentou 2 (duas) ou mais língua materna. O Lingala se apresenta em terceiro lugar entre as línguas maternas dos informantes da presente pesquisa

Perguntados sobre a língua materna do seu pai, a grande maioria dos informantes assinalou o kikongo como língua materna com 49 casos. As outras línguas maternas dos pais dos informantes são o kimbundu (22 casos), umbundu (18 casos), português (17 casos), Lingala (13 casos), cokwe (7 casos), ibinda (4 casos), songo (4 casos), ngoya (2 casos), fiote (1 caso), ivili (1 caso), Nganguela (1 caso), Inglês (1 caso). Houve casos onde o pai do informante apresentava duas ou mais línguas maternas. Neste caso, o Lingala se apresenta como a 5ª língua materna entre os pais dos informantes.

Perguntado sobre a língua materna da mãe, a grande maioria apresentou o Kikongo como língua materna com (51 casos). A maioria das mães adquiriram a língua africana a partir de relações familiares e através comércio sendo as mulheres que vendem em mercados informais (zungueiras).

As outras línguas maternas das mães dos informantes são: Kimbundu (24 casos), Umbundu (18 casos), Português (14 casos), Lingala (12 casos), Cokwe (8 casos), Ibinda (3 casos), Ngoia (3 casos), Songo (3 casos), Fiote (1 caso), Ilinji (1 caso). Houve casos em que o informante apresentou duas ou mais línguas da sua mãe. Nestes casos, o Lingala se apresenta como a 5ª língua materna entre as mães dos informantes.

Perguntados sobre qual a língua falada no meio familiar, os informantes apresentaram a língua portuguesa com (96 casos), o que mostra que a maioria das famílias angolanas fala a língua portuguesa devido a imposição no emprego, nas escolas, nas mídias e na burocracia estatal. Em meio uma diversidade linguística, o português aparece como língua neutra de comunicação entre pessoas de etnias diferentes. As outras línguas mais faladas em casa são: Kikongo (35 casos), Lingala (34 casos), Umbundu (13 casos), Kimbundu (12 casos), Inglês (7 casos), Francês (7 casos), Cokwe (6 casos), Songo (2 casos), crioulo (2 casos), Ngoia (1 caso), Espanhol (1 caso) e Árabe (1 caso). Nesse sentido podemos ver o plurilinguismo em Angola. Além das línguas autóctones, as línguas dos imigrantes também são faladas em casa. A língua Lingala apresenta-se com a terceira maior língua falada em casa. Houve casos onde os informantes apresentaram 2 (duas) ou mais línguas faladas em casa. Em todos os casos, a língua Lingala marca presença.

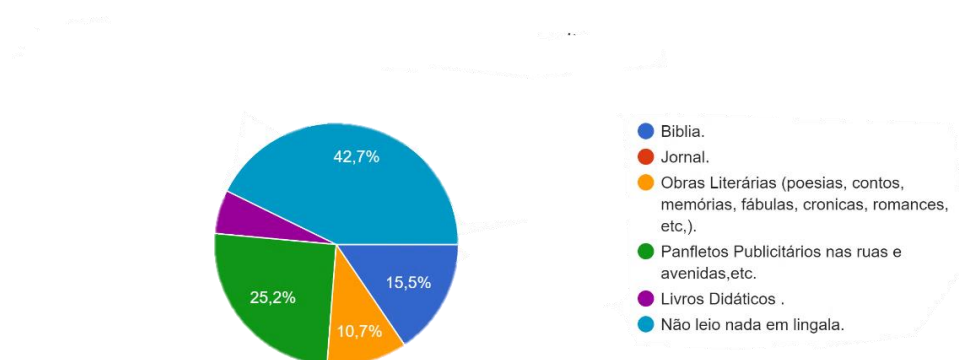
Com relação ao uso da língua Lingala houve participação significativa dos informantes. Nota-se que a maioria dos informantes falam a língua Lingala e outros afirmam

falar pouco a língua. Os dados mostram que devido ao preconceito linguístico, os informantes preferem afirmar que falam um pouco de Lingala.

Sobre a leitura em Lingala, cerca de 35,9% sabe ler em Lingala e 33% não sabe. Os informantes sabem ler porque possuem os níveis médio e superior de escolaridade. Não há nenhuma relação entre a capacidade de leitura e a capacidade de fala. As atividades de leitura estão relacionadas com a língua escrita em que a leitura decodifica e a escrita codifica. Para saber falar não precisa saber escrever.

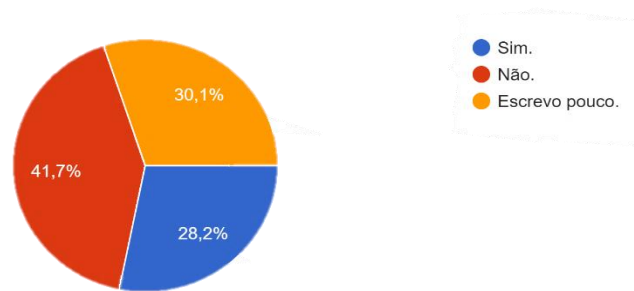
A partir dos dados dos informantes é possível entender que o uso da língua Lingala em Angola é introduzido em sua maioria por meio da oralidade. A sociedade angolana produz poucos artigos, textos e livros em língua Lingala. Isso significa que a falta de produção literária não é incentivada devido ao preconceito linguístico e ainda pelo fato de o Lingala ser considerada uma língua de outros países.

Gráfico 2 - Nível do que é lido em língua Lingala



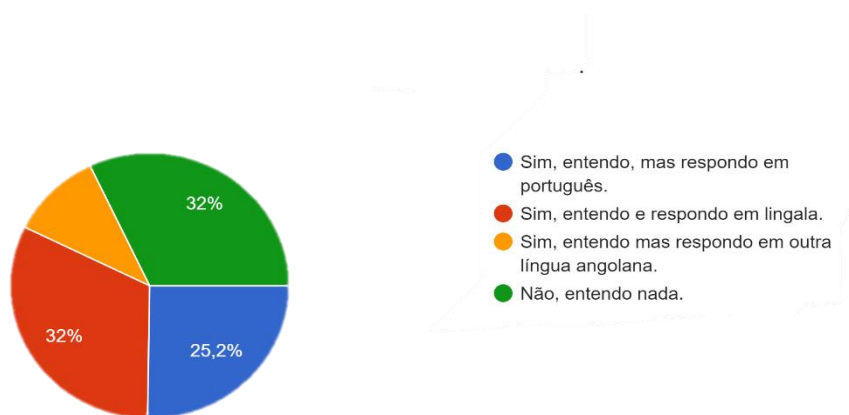
Fonte: dados da pesquisa.

Questionado sobre o uso da escrita em língua Lingala foi possível observar que a maioria dos participantes da pesquisa afirmou que não escreve em língua Lingala, quer dizer não conseguem escrever textos complexos. Nas redes sociais é possível encontrar angolanos que escrevem em Lingala mesmo que a língua não tenha uma ortografia fixa em Angola.

Gráfico 3 - Uso da escrita em língua Lingala

Fonte: dados da pesquisa.

Questionados sobre a capacidade de compreensão em língua Lingala 32% dos informantes afirmam que, entender e responder em língua Lingala. 25,2% afirmaram que entendem e respondem em língua portuguesa. 32% afirmaram não entender nada em língua Lingala quando outra pessoa fala. Os dados afirmam que 10,8% dos informantes entendem, mas não conseguem responder em língua Lingala.

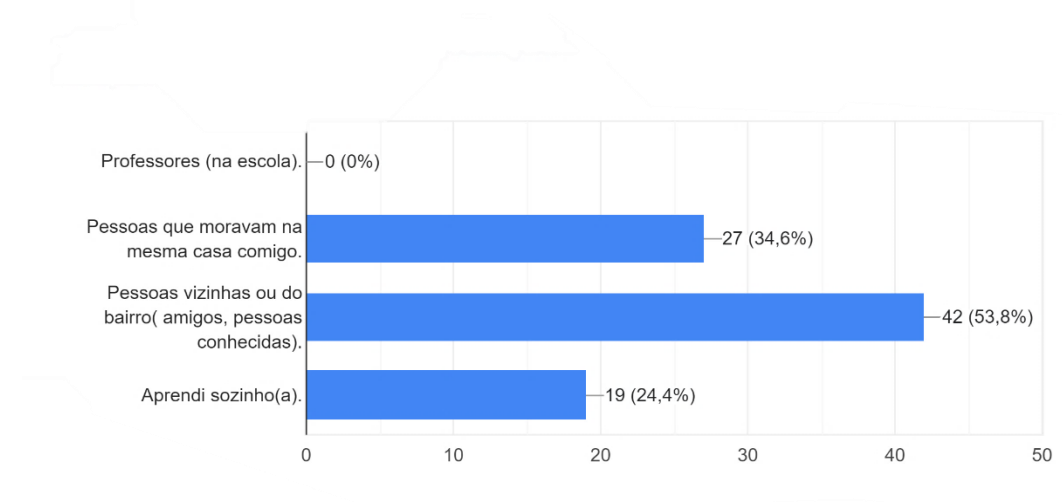
Gráfico 4 - Compreensão da língua Lingala

Fonte: dados da pesquisa.

Os dados da pesquisa mostram que pessoas vizinhas ou do bairro (53,8%) e familiares que moram com os informantes (34,6%) são os que ensinam a língua Lingala. Os professores não ensinam, o que significa que o Lingala não é uma língua ensinada na escola. Os professores fazem parte da sociedade angolana, alguns falam a língua Lingala, mas jamais ensinam a língua Lingala na escola. Cerca de 24,4% dos informantes aprenderam o Lingala sozinho. Este dado mostra que esta língua é muito importante na vida da sociedade angolana.

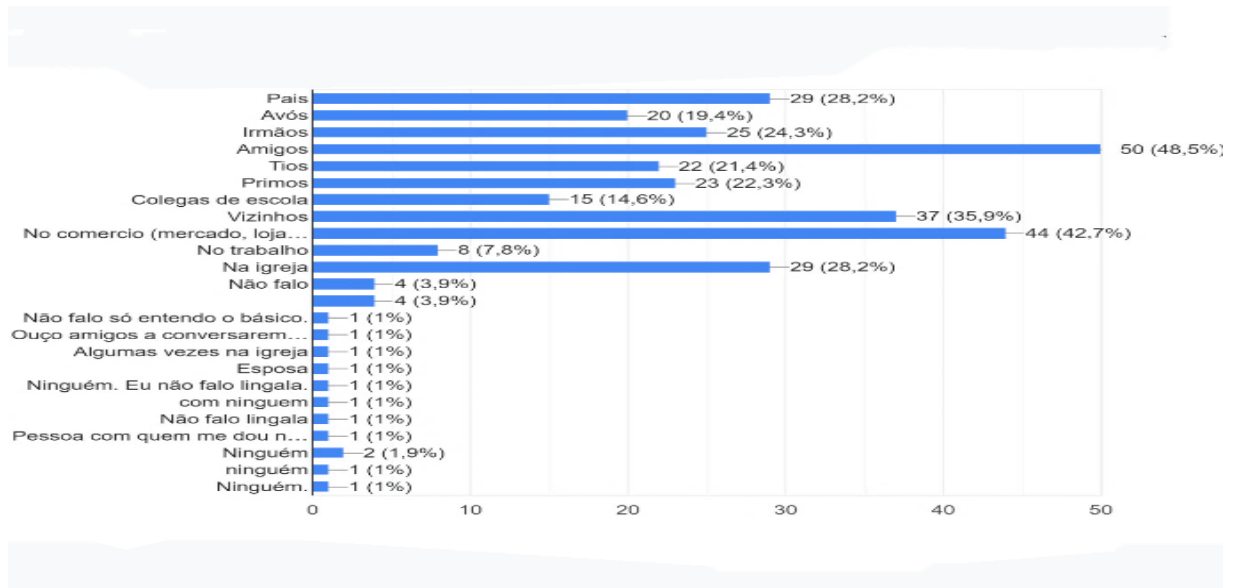
o interesse pela língua Lingala é muito superior ao interesse pelo kimbundu Cokwe ou Kikongo.

Gráfico 5 - Com quem aprendeu a falar em língua Lingala



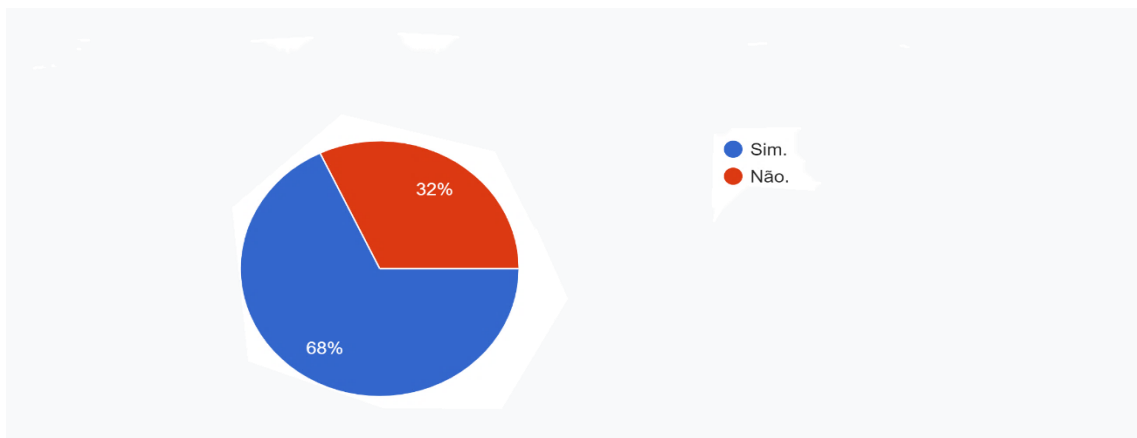
Fonte: dados da pesquisa.

Perguntados sobre com quem falavam em Lingala, os informantes descenderam que falam com todos. No comércio (42,7%) e com os amigos (48,5%) os informantes tem mais liberdade para se comunicar em Lingala. Esse resultado é devido que tanto no comércio como entre os amigos da comunidade não há preconceito com a língua. A igreja é um fator que influencia o uso da língua Lingala pois 28,2% dos informantes aprenderam Lingala na igreja. Alguns cultos religiosos são realizados em língua Lingala. O Lingala aparece como uma língua intermediaria (língua franca) entre diferentes grupos étnicos. Este dado ilustra que existe uma política linguística implícito presente na sociedade e em especial nos cultos religiosos.

Gráfico 6 - Em qual meio social se fala a língua Lingala

Fonte: dados da pesquisa.

Questionados se gostariam de ensinar Lingala para outras pessoas incluindo crianças a maioria dos informantes afirmaram que gostariam de ensinar em língua Lingala (68%). O dado reforça a ideia de que há uma vontade de aprender a língua Lingala em Angola.

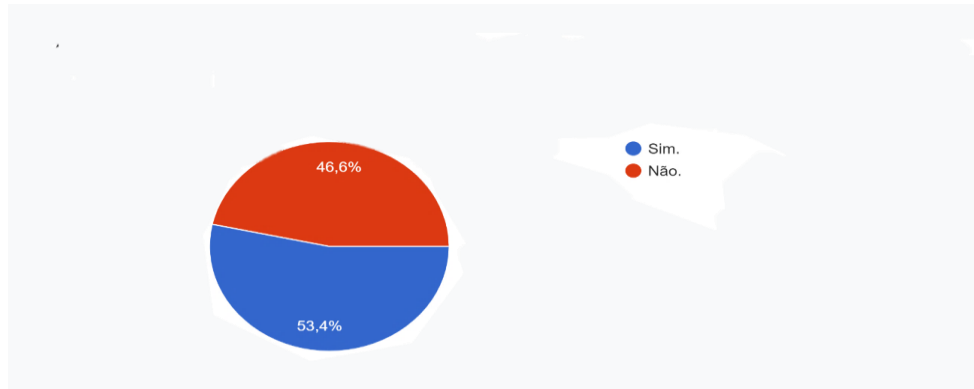
Gráfico 7 - Ensino do Lingala

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação a aprendizagem em língua Lingala os participantes da pesquisa gostariam de aprender em Lingala. Esta preferência sustenta a ideia de que a língua tem a capacidade de exprimir os conceitos acadêmicos-científicos. Se a pergunta tivesse sido feita para uma língua como o Kikongo provavelmente a resposta seria diferente porque as línguas africanas são tidas como incapazes diante da ideologia colonial. Por outro lado, os participantes da pesquisa

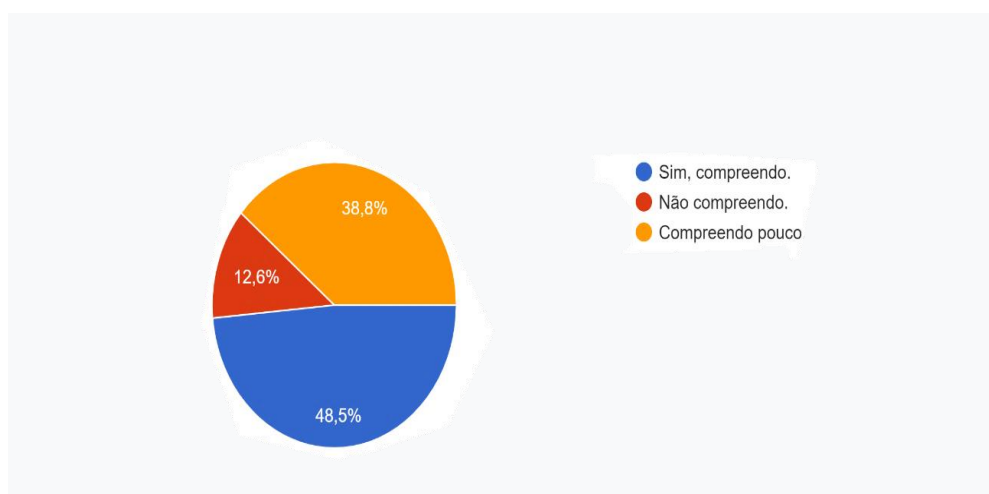
entendem a relevância do Lingala pelo fato de ser uma língua que extrapola os limites geopolíticos. 53,4% dos participantes gostaria de aprender em língua Lingala em qualquer nível de ensino.

Gráfico 8 - Aprendizado do Lingala na escola



Fonte: dados da pesquisa.

Quanto a entender as músicas cantadas em Lingala pelos músicos angolanos a maior parte dos informantes afirma que compreende língua por meio da música. Esse fator só mostra que ao introduzir a língua Lingala nas músicas angolanas, os artistas marcam uma identidade e buscam uma aproximação linguística com a origem da língua Lingala. A inserção de palavras e frases em língua Lingala, visa aproximar o artista com o estrangeiro, visa aproximar a música com o público mais amplo o que ajudará na divulgação das músicas. Por outro lado, a presença de frases e palavras da língua Lingala na música angolana busca aproximação com os outros Lingalafones presentes no país e no exterior. Por isso 48,5% compreendem muito bem as letras das músicas com mistura do Lingala. Poucos participantes (12,6%) não compreendem as letras das músicas em Lingala.

Gráfico 9 - Entende as músicas angolanas em língua Lingala

Fonte: dados da pesquisa.

Perguntados se entendem as músicas congoleesas, os participantes responderam que compreendem (43,7%), significando que houve uma igualdade de resultados com os dados das músicas angolanas. Comparando os dois casos (Angola e RDC), observa-se que houve uma confiabilidade nos dois casos. Na questão não compreendo houve um impasse estatístico (38,8% e 37,9%), tal como mostra a tabela 3 a seguir:

Tabela 1 - Comparação da compreensão das músicas congoleesas e angolanas

	SIM	NÃO	COMPREENDO
	COMPREENDO	COMPREENDO	POUCO
Músicas de angolanos	48,5%	12,6%	38,8%
Músicas de congoleesas	43,7%	18,4%	37,9%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto aos cantores angolanos que cantam em lingala pedimos aos informantes que descrevessem o nome de cantores angolanos que cantam em lingala aos quais os informantes conheciam. Os informantes apresentaram seguintes cantores angolanos: Irmã Sofia, Lomerh, Ary, Bak Maquela, Bambila, Kiaku Kadafi, Bass, Bebucho Que Cuia, Bonga, Burton Rose, C4 Pedro, Bilson Fflow, Celma Ribas, Charles Bois Poaty, Chetekela, Dodo Miranda, Edmásia Mayembe, Eliot Cassoma, Filho Do Zua, Presilha, Francis Mc Cabinda, Francisco Doceta, Gabi Mói, Grace Zola, Grupo Bana, Grupo Socorro, Gui Destino, Halison Paixão, Jolly Makanda, Irmão Bambila, Irmão Fernandinho Arte, Irmão Nsimba Reoboth, Isaac Vemba, Jandira Padre, Joel Ngunza, Jossafat Joss, Kanda, Konde, Lokua Kanza, Luanjo Cor, Luka Kwanza, Lutchana, Madrugua Yoyo, Mago De Sousa, Maitre, Makanda, Matias

Damásio, Maya Zuda, MC Cabinda, Mestre Buila, Mestre DANGUI, Miguel Bula, Mister Dangi, Myozembi, Nsimba Reboth, Nsoki, Pérola, Punchiline, Puto Português, Rui Mingas, Ruth Fukiau, Sam Manguana, Socorro, Solange, Tabonta, Tiago Pesado, Titica, Totó, Wyza, Yanick Afroman e Yuri Da Cunha.

Os dados acima apontam uma variedade de cantores angolanos que cantam em lingala com estilos de músicas diferentes (kuduro, rip hop, kizomba, música gospel, zouk dentre outras. Isso mostra que o lingala é a língua da cultura do angolano e está presente em todas as comunidades influenciando os angolanos ao uso das músicas. Além disso a quantidade de cantores angolanos que cantam em lingala é muito significativo o que mostra que o lingala é uma língua importante em Angola. Os angolanos querem ouvir em lingala. As músicas angolanas em língua lingala é um sucesso, são músicas dançantes animadas fáceis de se aprender e que caem ao gosto da população. Por isso, há um investimento por parte dos cantores angolanos em produzir músicas em lingala.

Quanto aos cantores congolese, pedimos aos informantes que descrevessem ao menos 4 cantores congolese que cantam em língua lingala. Os informantes apresentaram os seguintes cantores:

José Nzita, Ele Padre, Awilo Longomba, Franco, Ferre Ngola, Frere Patrice, Aime Nkanu, Anne Keps, Papa Mulaja, Athoms Mbuma, Awilo Longomba, Bebê Chefão, Bozi Boziana, But Na Filet, Charles Mombayo, Debora Lukalu, Dena Moina, Dena Mwana, Denis Ngonde, Emanuel Musongo, Emeneya, Esther, Fabregas, Fally Ipupa, Franck Mulaja, Franco, Frere Patrice, Freres Donat Mwanza, General Defao, Grâce Lokua, Henry Papa, Heritier Watanabe, JB Mpiana, Ngiam Werason, Johnny Lutando, Alka Mbumba, Jose Nzita, Koffi Olomide, Werra Sim, Kolinga, Lokua Kanza, L'Or Mbongo, Luambo Makiadi, Madilu Sistem, Maike Kalambai, Maitre, Makoma, Marie Missamu, Matou Samuel, Mbilya Mbele, Michael Bakenda, Michael Manhã, Micheline, Mike Kalambay, Moise Matuta, Moise Mbiye, Moise, Amina, Nyboma, Nyoka Longo, Papa Wemba, Patrice, Ngoy Musoco, Pepe Kale, Philippe Wazekwa, Pitsho Muanza, Prophetè Joel, Rebo Tchulo, Reddy Amissi, René Lokua, Robínio, Rosny Kayba, Samy Pilila, Sandra Mbui, Wera Son, Simiane, Soni Patricio, Trina Fukiau, Tsouna Baby, Ya Levis, Yamabe, Zaiko Langa Langa, Amanda Malela e Zara Williams.

Os dados acima apresentam as relações que os angolanos tem com os congolese. Os cantores congolese mais citados pelos informantes foram Fally Ipula, Koffi Olomide, Rosny Kayba, Moise Mbiye e Zara Williams. Alguns desses cantores possui produções musicais

junto com cantores angolanos. Isso amplia nas relações entre angolanos e congoleses e aumenta no consumo de músicas em língua lingala em Angola.

Os dados da pesquisa mostram que os angolanos estão intimamente ligados a família que falam a língua Lingala no estrangeiro. Este dado mostra que as fronteiras linguísticas extrapolam as fronteiras políticas tal como se pode observar no contexto de Angola. A conferência de Berlin que tinha como objetivo a partilha da África não respeitou esta particularidade etnolinguística. Já tivemos oportunidade de nos debruçarmos sobre esta temática nos capítulos que está na presente monografia. Desta forma 55,3% dos participantes da pesquisa tem algum familiar no estrangeiro que fala a língua Lingala. ao ter família que fala Lingala o cidadão angolano tem a oportunidade de aprender, de dialogar e por meio das redes sociais com esse familiar que mora no estrangeiro. Sob o ponto de vista político sabe-se que muitos angolanos que fugiram da guerra para os países vizinhos e jamais regressaram para o país. Nesses países que tem o Lingala como uma língua franca possibilitou-se a aprendizagem desta língua na região da África Central.

Perguntados se gostariam que o Lingala fosse língua oficial em Angola os informantes recusam a língua Lingala (54,4%), o que nos leva a concluir que o preconceito linguístico com relação as línguas africanas ainda persistem na sociedade angolana. Procuramos entender por qual razão uma língua de maior trânsito no comércio, entre amigos, dentro das igrejas, em casa não possa ser uma língua oficial. Partindo da ideia de que o Lingala é uma língua franca seria mais lógico que as pessoas a aceitassem como oficial. Cerca de 37,9% acham que talvez o Lingala possa ser considerada uma língua oficial em Angola. Os restantes 7,8% desejam que o Lingala seja uma língua oficial. A razão pela qual esses 7,8 % dos informantes desejam que o Lingala seja língua oficial angolana se dá pelo fato de que os mesmos tem o Lingala como língua materna, os seus pais tem o Lingala como língua materna, as suas mães tem o Lingala como língua materna e ainda o Lingala é a língua falada nas suas comunidades. Deste modo se o Lingala se encontra em todo meio social, cultural e político desse informante essa já é sua língua oficial apenas não é reconhecida pelo governo angolano.

Perguntados sobre como consideram a língua Lingala 77, 7% dos informantes afirmam que o Lingala é uma língua da RDC e RC e nenhum momento assumem o Lingala como uma língua angolana. A chegada do Lingala em Angola é justificada por questões políticas e não pela presença natural dos falantes desta língua. Nenhuma língua bantu possui nenhum espaço geopolítico em Angola quer dizer que o Kimbundu, o Kikongo, o Cokwe, o Nganguela, o fiote, dentre outros não surgiram no espaço onde hoje é Angola. São línguas que vieram a partir do processo histórico tal como afirma Olderogge (2010), no livro História da

África. Os informantes consideram a língua Lingala em Angola como língua de unificação cultural que agrega a cultura e tradições dos angolanos. Essa afirmação de 38,8 % dos informantes nos faz concluir que o Lingala em Angola não possui o acolhimento merecido como língua em Angola.

Perguntados sobre qual a língua falada nos casamentos, nos alambamentos ou outra cerimonia tradicional a maioria dos informantes destacam que a língua Kikongo é a língua mais utilizadas nas festas de casamentos (51 casos). As outras línguas apresentadas pelos informantes são: kimbundu (21), Umbundu (17), Português (14), Lingala (9), Cokwe (4), Ibinda (3), Songo (3), Espanhol (2), Fiote (2), Ngoia (2), Ilinji (1), Ivili (1). Em relação a língua Lingala, a mesma ocupa a 5ª língua mais falada nas cerimônias e casamento dos informantes. Isso mostra o quanto a língua Lingala é usada no meio social. O uso do Lingala nas festas de casamento é importante porque os angolanos gostam das músicas em Lingala, os ritmos das músicas são contagiantes alegram e acolhem a todos. Além disso, o Lingala é uma língua franca de todos. Se em um casamento os convidados falam Kikongo, é provável que os mesmos possam solicitar ao DJ, músicas cantadas em Lingala ou em outra língua mais familiar.

Perguntados sobre qual a língua utilizada no meio comercial, os informantes afirmam que a língua de mais uso no meio comercial é o Lingala (50 casos). As outras línguas mais utilizadas no meio comercial são: Português (41 casos), Kikongo (11 casos), Kimbundu (10 casos), Umbundu (8 casos), Cokwe (2 casos), songo (2 casos), Árabe (1 caso), Ilinji (1 caso), Ivili (1 caso), Iwoyo (1 caso) e Kiyombe (1 caso). Neste sentido o Lingala é usado diariamente nos mercados. Quando um cliente se dirige aos mercados é de preferência que ele use a sua língua de comunicação. Ao dialogar com o comerciante a preferência será de que o comerciante também faça uso da língua Lingala para se comunicar. Quando um comerciante sabe que o cliente fala Lingala a tendencia é diminuir o preço do produto por entender que são irmãos da mesma língua. Esse fator une os falantes da língua Lingala no contexto de multiplicidade de línguas.

Perguntados sobre em qual língua preferem ouvir as notícias das rádios angolanas os informantes afirmaram que preferem escutar em língua portuguesa (37 casos). As outras línguas são Kikongo (24 casos), Kimbundu (12 casos), Lingala (7 casos), umbundu (6 casos), 3 Ibinda (3 casos), Inglês (2 casos), Cokwe (2 casos), Songo (2 casos) e Ilinji (1 caso). O português é a língua mais usada nas rádios angolanas. as outras línguas são tocadas em regiões específicas onde há um maior grupo de falantes dessas mesmas línguas. Quanto a língua Lingala a mesma se encontra como a 4ª língua mais usada nas rádios entre os

informantes da pesquisa. O crescimento desta língua nas rádios angolanas tem aumentado nos últimos anos devido aos cantores angolanos cantar muito em português e em Lingala. Já existe em Angola rádios nacionais que tem o uso da língua Lingala a exemplo da Rádio Nacional de Angola (RNA) e a Rádio Ngola Yetu.

Perguntados quanto a assistir televisão em língua Lingala a maioria dos informantes afirmam que preferem assistir televisão em língua portuguesa (40 casos) as outras línguas apresentadas pelos informantes são Kikongo (26 casos), Kimbundu (16 casos), Umbundu (7 casos), Lingala (4 casos), Ibinda (3 casos), Songo (3 casos), Cokwe (1 caso) e Ilinji (1 caso). Podemos observar que a maior parte das redes televisivas são em língua portuguesa. Quanto ao Lingala a mesma se encontra em 5ª posição entre maior língua de preferência dos informantes. Durante a pandemia da Covid-19 o governo angolano anunciou medidas de cuidado e restrição a população angolana. Essa informação chegava à população em redes televisivas e em rádios angolanas por meio da língua portuguesa e em seguida pelas línguas nacionais angolanas. O Lingala foi uma das línguas em que o governo angolano utilizou para passar informações as populações. Se o Lingala é utilizado nos meios de comunicações de Angola então é uma língua angolana.

Perguntados no português angolano há empréstimos linguísticos da língua Lingala os informantes da pesquisa identificaram as seguintes palavras: Mabelê (terra, areia), makayabu (bacalhau cozido), Mike Mike (pouco-pouco; pequenininho), mikate (bolinho frito), mó vie (meu kota; meu mais velho), Nsafu (fruta leguminosa específica de alguns países africanos), kikwanga (alimento feito com a mandioca / pamonha- Brasil), sakamadesu (kisaca/ folha de aipim pisada), Mayuya (falso), Mbuta (kota/ velho), Metrê (mestre), Moto (fogo), yesu (Senhor). Mwana (filho), Motema (coração), Motema Nangai(meu coração), Lombongo (variedade de Mbongo / dinheiro), Fololo (flor), zembo (música), Lobi (hoje/amanhã), mabé (mal), kitoko (bonito/ belo), Oio/oyo (esse/este), Ekateli (prato para cortar funge), Defiça (divida), tokende (vamos), Yaya (irmão), Muassi (mulher), Mobali (homem/ Marido) potopoto (papa/ mingau), chungo (pessoas que não possui descendência bakongo ou os nascidos em Angola), Ndoki (Feiticeiro/ bruxo).

Das análises percebemos que os informantes não souberam distinguir ou identificar os empréstimos linguísticos. Do ponto de vista da análise linguística espera-se que grande parte dos empréstimos do Lingala possam vir do francês pelo fato de ser língua oficial da RDC.

Quanto a última questão houve (73) respostas. Dessas respostas entendemos que os participantes da pesquisa estão cientes ao fato de que o Lingala é usado no comércio (Inf.3, 4, 8, 9, 10, 17). Alguns informantes sugerem que o Lingala seja ensinado nas escolas (inf.5) até

porque o número de falantes tende a aumentar. Alguns participantes estão cientes de que a língua Lingala é uma língua angolana de origem Congoleza, assim como o português angolano é uma língua angolana de origem europeia. (Inf. 07). Alguns entendem que o Lingala não existe em Angola, apenas há falantes que nem são de Angola. Isso mostra o preconceito que circunda a sociedade. (Inf.8).

Alguns informantes reconhecem a presença da língua Lingala em Angola e apresentam a extensão da língua em algumas localidades de Angola com comunidades de falantes significativas. (Inf. 11, 15). Alguns informantes falam que o lingala é fruto da proximidade entre Angola e RDC e que se constitui como língua franca no território angolano (Inf.11). Os informantes também afirmam que a língua lingala é língua materna de alguns angolanos principalmente em regiões de fronteira (inf.15);

Alguns informantes dizem que a língua lingala é boa para se falar, mas que ainda existe preconceito com a língua (Inf.16). Os informantes defendem que a língua Lingala é uma riqueza cultural que faz parte da construção social da sociedade angolana. Deve ser preservada para que as futuras gerações possam usufruir dela. É necessário que haja políticas linguísticas capazes para salvaguardar a nossa identidade (inf. 17, 18, 19).

A língua Lingala está a sendo falada em Angola no setor do comércio no Kikolo, São Paulo, Ex-congolenses, Lindesa e Luvo (Inf. 23), e da música. É normal, em vários bairros, em várias cidades de Angola, nos mercados haver uma parte exclusiva e ocupada pelos falantes de Lingala. Na sua maior maioria é cidadãos angolanos regressados após a guerra. Contudo, o Lingala não possui um povo autóctone em Angola. A sua abrangência está no comércio e a música é já se estende em todas as cidades angolanas. Por isso podemos considerá-la língua angolana pela aceitação que vai tendo mesmo não sendo nacional, isto é, não tendo o povo originário sedado neste país como etnia. Bem, entendo que a língua Lingala ocupa um privilegiado espaço no território angolano, pois se incide sobre a vida cultural, social, histórica e política do respectivo país. Merece análise e um honesto enquadramento, uma vez que tem grande influência. Na verdade, é necessário e urgente rever-se o estatuto desta língua. Com efeito, pode vir a tornar-se a “língua oficial” de uma determinada região de África, que inclui Angola, por exemplo. Portanto, a língua carece de reflexão e merece um melhor enquadramento.

Alguns informantes afirmam que o lingala é uma língua franca transnacional (Inf. 28, 32, 43, 65). e outros explicam que o lingala em Angola é uma língua regional por ser uma língua predominante nas regiões de fronteira usada nas transações comerciais dos povos africanos (Inf. 33). O lingala é uma língua rica e abrangente que serve como exemplo de

valorização das línguas africanas pois ela une culturas e identidades de vários povos africanos. Apesar de a língua Lingala pertencer à vizinha RDC, há uma comunidade muito forte em Angola que prioriza o uso da língua Lingala, ganhando espaço significativo no território nacional e por sua extensão em Angola já poderia ser considerada língua angolana. (Inf. 25, 38 e 52).

Para confirmar os dados da pesquisa realizamos uma conversa com dois docentes atuando em Angola. Esses docentes foram importantes na distribuição do link do questionário. Ofereceram muitas informações sobre a localização geográfica dos lingalafones. Esta conversa não foi contada como parte integrante da pesquisa primária, porém foi relevante para confirmar afirmações apresentadas pelos resultados do formulário. Suas identidades foram preservadas, pois para a pesquisa interessa-se pelos dados da pesquisa.

Informante 1: angolano, maior de idade, de nacionalidade angolana, professor, mora em Angola, numa região onde se fala Lingala, não fala Lingala, mas tem estudantes que falam Lingala.

Informante 2: angolano, maior de idade, morando em angolano, maior de idade, de nacionalidade angolana, professor, mora em Angola, fala Lingala numa região onde se fala Lingala.

Vejamos a seguir, algumas opiniões recolhidas dessa conversa:

Informante 1: *Este povo é meio difícil. Eles vivem no mercado informal. O Lingala é praticamente desprezado na mídia angolana por isso não há rádios comunitárias que falam em Lingala. O Lingala é uma língua periférica em Angola e sem um tratamento e atenção especial do nosso governo. Não é um caso isolado da questão linguística. Os angolanos de uma maneira geral têm um olhar marginal aos congoleses e por arrasto o Lingala passa pela mesma situação. Em função desta marginalização, muitos congoleses preferem ocultar a sua origem e identificam-se como nativos de províncias angolanas que fazem fronteira com o Congo. O povo congolês em Angola, especialmente os de Palanca está muito mais virado para negócios informais e para questões técnicas como mecânica, informática (reparação de computadores e telefones) e instalação de softwares. São bons nisso. E nestas artes e ofícios, a língua Lingala vai apanhando carona. Não estão muito ligados a academia cá no nosso país. Entretanto, temos muitos bons acadêmicos em Angola que estudaram no congo, sobretudo os das engenharias. Nas músicas angolanas, já vai aparecendo uma boa dose de Lingala.*

Informante 2: *Vamos dizer que o Lingala hoje tem o estatuto quase como se fosse de língua franca. É a língua de comunicação nessas zonas. Porque muitos não falam a língua portuguesa, como deves saber, muitos angolanos tem o português como a língua segunda nessas zonas. Vamos pegar o exemplo de três províncias que estão ao Norte de Angola: Pegamos o caso de Cabinda que faz fronteira com os dois Congos, pegamos o caso do Zaire que faz fronteira também com a RDC e pegamos Uige que faz fronteira com a RDC. Naturalmente nestas três regiões, nestas três províncias, encontramos pessoas que não se expressam em língua portuguesa. Muitos deles tem o kikongo que é a língua materna e além do kikongo eles têm o Lingala. Portanto nestes contextos ouve-se muito a língua Lingala nestas zonas. A língua Lingala é muito falada mesmo e tem estado a servir-se como uma língua franca como eu dizia a servir de trampolim para aqueles que estão do outro lado, e para os que estão dentro deste lado. Pois os que estão do outro lado não entendem a língua portuguesa e alguns que estão deste lado não entendem a língua francesa, e como a língua meio de comunicação de todos estes para fins de comércio e em fim usam a língua Lingala e então é muito falado. Atenção, alguns estudos feitos dizem e também apontam de que a língua Lingala tem apenas não só o número de falantes crescidos não só nestas zonas fronteiriças, mas também na capital do país que é Luanda. Em Luanda ouve-se muito Lingala também.*

Não há ensino formal de Lingala em Angola porque ele não tem estatuto de língua nacional. Mas é uma língua que eu tenho estado a considerar que entrou totalmente em nosso contexto. Ele é tão violento, esta língua, que então ele entra em todos os cantos através da música através de [...] olha, repara muito bem que até no momento das eleições em Angola, certos políticos fazem as suas campanhas em Lingala. Há políticos que fazem as suas campanhas em Lingala dependentemente do público alvo. Sabem que esse público alvo fala mais Lingala, entendem mais Lingala e que eles ali vão e falam em Lingala. Então só pra ver, não existe um ensino formal em que as pessoas vão à escola pra poder aprender o Lingala, não existe, mas ele é falado. E na medida que é falado vão sempre usar.

O Lingala é utilizado em conversas informais nas praças, em alguns casos na igreja, em algumas famílias também usam. Os congoleses que nós conhecemos normalmente eles bom não sei como apresentam interesse de aprender estas línguas porque muitas das vezes ele vem por situação de negócios pra Angola, vem por uma situação de imigrantes que precisam passar para um outro país. Então, não são por muitos em que se estabelecem-se e ficam permanentes 10, 15 anos por Angola. Então alguns são mais por questões de imigração que eles vêm e têm outros objetivos que são mais de comércio que faz com que eles venham pro território angolano.

Bom, como em todos os outros países também os angolanos que vivem por lá e que tem os seus pais conseguem manter a identidade. Mantem a identidade falando a língua materna que são o (kikongo, ubundu, etc.), aos seus filhos e sobretudo a língua portuguesa que é a língua de comunicação de Cabinda ao Cunene. Mas também tenho informações de que alguns aprendem também o português mesmo lá através da embaixada, e através de outras escolas centros de línguas podem fazer essa aprendizagem.

Há um número de falantes não é, há muitos que aprendem por curiosidade há muitos que aprendem por causa familiaridade que eles têm com alguns bakongo, alguns que gostam das músicas congolezas e isto também vai aumentando estes números de falantes. Mas há um certo momento em que nós vamos ter que refletir profundamente pra encontramos um certo estatuto atribuídos a esta língua. É que hoje as nossas políticas linguísticas ainda não estão bem definidas e esta indefinição das políticas linguísticas muitas das vezes não conseguem nos ajudar a pensar e repensar no lugar de cada língua na nossa sociedade e em nosso contexto. E veja o número de falantes que essa língua já tem, o uso que ela tem estado a demonstrar em nosso contexto. Então seria uma língua que já deveria ser pensado qual realmente o estatuto a atribuir por causa deste número de falantes que ela já tem. O impacto da língua Lingala não é só em Angola. Se você olhar um pouquinho para países a volta de nós você vai encontrar também já falantes mesmo dessa língua. Veja o exemplo na África Central: estamos a falar de camarões, vamos falar da republica centro africana, vamos falar do Gabão vamos falar da Namíbia e da África do sul encontramos já grupos falantes desta língua que tem um número já considerável. Lingala está ganhando uma velocidade como se fosse suaíli. A língua suaíli tem um número considerável de falantes a nível de nosso continente e Lingala também está tentando ganhar esta velocidade no continente africano e em Angola é uma realidade que nós não podemos escamotear.

O que seria necessário para que os angolanos pudessem reconhecer o Lingala como língua nacional de Angola? Reconhecimento de Lingala como língua nacional tem haver também com as políticas. Eu não sei se um dia alguém vai poder avançar para uma questão da oficialização.

O Lingala de Angola é diferente do Lingala Da República Democrática do Congo e República do Congo sim. Portanto por causa do espaço onde ele é falado e então ele vai ganhando também palavras da língua portuguesa. Esta tendência de ouvir o falante usando o português também algumas palavras portuguesa dentro do Lingala. Portanto é por causa desse espaço onde ele é falado nesse sentido. Para o Lingala que é falado no congo o

angolano que é iniciante principiante pode ter dificuldade de entender e quando já é em um contexto mais simplificado ele consegue entender a mensagem.

A análise deste material sistematiza os resultados do questionário. O Lingala é uma língua bantu predominante em Angola. O Instituto Nacional de Estatística jamais incluiu em seu questionário a língua Lingala, por hipoteticamente ser uma língua estrangeira. Linguisticamente falando, os povos de Angola e dos congos têm a mesma origem histórica e identidade linguística. Não é por acaso que possuem mesmas línguas e mesmos traços culturais. Os limites impostos pelo colonialismo dividiram estes povos, tal como os congos se dividiram em Congo-Kinshasa e Congo-Brazzaville. São povos que compartilham culturas e línguas. O distanciamento de Angola em relação às culturas e línguas dos congos é fictício, porque na realidade prática os povos se comunicam, se relacionam cotidianamente, estabelecem relações familiares fortes.

O lugar do Lingala deve ser desde já reservado porque o Lingala não pode ser proibido. Não fará sentido proibir angolanos de falar Lingala. O mais sensato é criar condições formais para que esta língua seja revitalizada e protegida. Uma vez que o Lingala tem uma tradição escrita, pode ser ensinada na educação formal em Angola, especialmente nas regiões onde se fala. Não defendemos o ensino desta língua em todo país, mas sim seria interessante ensinar nos municípios onde ela é falada.

A conversa com os colaboradores reforça a ideia de que o comércio assegurou o Lingala como língua franca. O mais curioso é que o Lingala é querido por todos os grupos étnicos, especialmente no comércio. Os congoleses residentes em Angola, são na grande maioria comerciantes, engenheiros ou técnicos em eletrônicos e eletrodomésticos. Os congoleses vêm em Angola para o comércio enquanto que os angolanos vão ao congo para formação acadêmica e profissionais. Muitos angolanos se formaram nos congos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da pesquisa se conclui que em Angola se fala a língua Lingala e muitos reconhecem a importância dessa língua para o comércio e para as relações sociais e culturais incluindo no comércio. Os participantes da pesquisa falam a língua Lingala, reconhecem os usos na vida cotidiana, porém não a reconhecem como uma língua de Angola. A língua Lingala sendo uma língua franca chegou e se expandiu no território angolano por meio dos casamentos, guerra civil que provocou o deslocamento de Angola para outros países, assim como imigração em busca de emprego, de formação acadêmica ou ainda atividades culturais.

A pesquisa mostra ainda que são os jovens das faixas 1 e 2 que falam o Lingala no meio familiar com apoio dos seus pais e da grande maioria tem uma ou várias línguas do grupo bantu. Na pesquisa não identificamos nenhuma citação de uma língua do grupo khoisan ou vátua. Por outro lado, as músicas angolanas e congoleesas usam palavras, expressões ou frases da língua Lingala cujo o intuito é: trazer oralidade, marcar a identidade, demonstrar aproximação com outros povos e reconhecer a interação com os dois congos. A língua Lingala é uma língua africana que se expandiu em Angola após o processo colonial. Em Angola a língua é falada por angolanos que adquiriram a língua após a vivência na RDC, filhos e netos de angolanos e congoleeses que migraram para Angola. As relações familiares é um fator que fomenta o uso da língua lingala em angola.

A língua Lingala é símbolo de identidade angolana ela influencia os angolanos por meio de sua cultura. A música possui a função de construir a identidade cultural de um povo. É um meio pelo qual ficamos mais próximos das nossas raízes e ancestralidade. É por meio das músicas que os angolanos consomem as músicas congoleesas em língua lingala. A língua lingala aproxima através da música a cultura e as vivências dos congoleeses. A língua Lingala não precisa de uma etnia para se expandir ela se une a qualquer grupo étnico angolano, se fixa e se mistura a língua e cultura da comunidade.

O Lingala é língua dos angolanos. Há um preconceito linguístico e cultural em relação a língua Lingala por entenderem que é língua e cultura dos congoleeses. Os falantes da língua Lingala recebem o nome de langa, zairense, congolês, estrangeiro e regressado. Após 48 anos de independência de Angola não é possível que os falantes da língua Lingala sejam apenas congoleeses. Há muitos falantes nativos da língua Lingala em Angola devido a expansão da língua no país. Os angolanos tem a língua Lingala como primeira, segunda ou terceira língua. Os angolanos falam a língua Lingala, possuem uma **identidade linguística** (SANTOS, TIMBANE, 2020), mas não reconhecem como língua da nação. Mesmo que a sociedade

angolana não reconheça o Lingala como língua angolana essa já pertence muito tempo a Angola. A guerra não foi o fator que fez com que o Lingala se expandisse para Angola a língua já estava presente naquele país a guerra só intensificou ainda mais a língua Lingala no país. É necessário que as políticas linguísticas angolanas implementem o uso da língua Lingala nas escolas devido aos seus falantes terem o direito ao uso de sua língua em todo meio de comunicação de Angola.

As línguas Bantu, Khoisan e Vátua, faladas pela maior parte da população angolana, dadas como línguas nacionais, ou locais, não possuem valor algum para o governo angolano como possui o português, e servem apenas como línguas de expressão para a população angolana. As línguas locais de Angola, de origens africanas, possuem uma grande importância para o contexto multilinguístico angolano.

Falar do estatuto ou função social do Lingala em Angola é debruçar sobre um fenômeno complexo, tendo em conta o seu nível de abrangência e o caráter contrastivo que essa língua apresenta nessa sociedade: é a língua mais usada na sociedade informal (famílias, mercados, campos de futebol) também é considerada, por alguns estudiosos dos fenômenos da linguagem, como língua franca (Ndombele, 2017, p. 82).

Assim sendo em última análise compreendemos que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados. Quanto às hipóteses desta pesquisa destacamos que as mesmas foram alcançadas, pois a língua lingala possui um papel fundamental para a sociedade angolana através da cultura, das relações familiares e econômicas além de contribuir para o conhecimento cultural e linguístico. Quanto ao desenvolvimento da pesquisa vale destacar que tivemos um pouco de dificuldade em obter dados bibliográficos, pois em Angola não há políticas linguísticas para o incentivo de produções de artigos, livros ou outras produções científicas que destaquem a presença da língua Lingala em Angola. Estamos cientes do fato de que esta pesquisa apresenta aspectos abrangentes que podem e devem ser explorados por meio de futuros trabalhos. Esta pesquisa pode se desdobrar em várias outras e por isso deixamo-la em aberta.

O título da pesquisa introduz o neologismo **(des)fronteira** para indicar que as fronteiras linguísticas são diferentes das fronteiras geopolíticas. As línguas procuram quebrar e desconstruir as fronteiras geopolíticas, alcançando outros espaços de acordo com as necessidades dos falantes. Uma **(des)fronteira** é uma desconstrução ou eliminação de uma fronteira criada por uma ideologia ou política com intuito de atingir outros espaços. O ecossistema linguístico só precisa de **Povo, Território e Língua**.

O Lingala quebra com êxito a fronteira dos congos e entra na fronteira das línguas de Angola e se instala. A entrada de uma língua em outro país é pacífica, pela utilidade que ela tem, porém caótica para conservadores do país de chegada. Entendemos por qual razão os angolanos afirmam: *o Lingala não é língua de Angola*. Os angolanos não querem acreditar naquilo que estão vendo na sua frente. Houve resistência quando português chegou em Angola, no Brasil, em Cabo Verde, em Timor Leste, em Moçambique, na Guiné Bissau, em São Tomé e Príncipe. Mas hoje, já não se discute tanto a presença do português em Angola. É uma língua importante. Com relação ao Lingala está havendo resistência por parte dos angolanos. Mas a partir do momento em que a política linguística intervém, haverá mudanças de atitude. Os que negam a presença de Lingala em Angola não justificam as razões da recusa. A língua não é um brinquedo. Ela tem poder, ela tem importância para os seus falantes e carrega elementos identitários, da cultura e das tradições. O Lingala não veio substituir as línguas já existentes, nem veio para colonizar nem dominar. Veio para acrescentar, para oferecer mais um instrumento que os angolanos podem usar em favor da comunicação entre angolanos e com falantes de outras nacionalidades dentro e fora do território, quebrando as fronteiras, portanto, criando **desfronteiras**.

Esta pesquisa é provocadora e instigadora para que os acadêmicos angolanos estejam atentos à questões sociolinguísticas do país, não apenas com relação à problemática dos lingalafones, mas também é necessário prestar atenção ao que acontece com os koi-koifones e sanfones, cujas línguas estão em vias de extinção. Não se sabe a situação sociolinguística real dos povos khoisan, sabe-se pouco sobre a descrição da língua gestual angolana. Ainda há escassez de leituras sobre o Lingala em Angola, o que foi um desafio para a realização da presente pesquisa. Tudo isto são desafios que precisam de enfrentados de frente, com o desenvolvimento de pesquisas que possam explicar os fenômenos sociolinguísticos que ocorrem na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo. **Marcas de Influência do Echúwabo no Português de Moçambique**: a questão dos verbos nas redes sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, Araraquara, 2014.
- ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo; TIMBANE, Alexandre António; QUEBI, Duarte O. As políticas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. **RILP**. Lisboa, IV Série, nº 31, p. 23-46, 2017.
- ALGARVE, Giovana Mendonça. **A língua portuguesa e seu papel na estrutura social angolana**. 2016, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, 2016.
- ANGOLA. **Constituição da República**. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.
- ANGOLA. **Diário da República**. Luanda: Assembleia Nacional, 2016.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- BANCO MUNDIAL. **Proteger os pobres e vulneráveis ao mesmo tempo que Angola se insere na via de um crescimento mais diversificado, ecológico, resiliente e inclusivo**. Luanda, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2023/06/30/protecting-the-poor-and-vulnerable-while-putting-afe-angola-on-a-path-to-diverse-green-resilient-and-inclusive-growth> acesso em: 18 nov.2023.
- BANZA, Ana Paula. O Português em Angola: uma questão de política linguística. In: FIÉIS, Alexandra; LOBO, Maria; MADEIRA, Ana (Org.). **O universal e o particular. uma vida a comparar**. Homenagem a Maria Francisca Xavier. Lisboa: Edições Colibri; 2014. p. 29-38.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neid Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.
- BENGUI, Manuel Paulo; TIMBANE, Alexandre Antônio. Os “segredos” socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo: a língua e a cultura em debate. Fortaleza: **Revista de Ciências Sociais**, vol. 50, nº 3, p. 195-222, 2020.
- BENVINDO, Adriano Fernando. **Lexicografia bilingue de aprendizagem**: Contribuição para o desenvolvimento do léxico da língua portuguesa das crianças na província do Huambo-Angola. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2016.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José; SEVERO, Cristine Gorski. Políticas Linguísticas em Angola: sobre as políticas educativas in(ex)clusivas. **Revista da Abralin**, v. 17, n. 2, p. 210-233, 2018.
- CENSU RDC. **Translator with Borders. Les quatre langues nationales dela Republique Democratique du Congo**. juin 2020. Disponível em:

<https://translatorswithoutborders.org/wp-content/uploads/2020/07/The-four-National-Languages-of-DRC-FR.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CHICUMBA, Mateus Segunda. **A formação de professores de português, língua segunda (PL2) em Angola: o caso da Universidade Katyavala Bwila-Benguela**. 119f. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

CHICUMBA, Mateus Segunda. **A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais**. Lisboa, 2019.

DODÃO, Bento Miguel Vete. **Análise descritiva dos antropónimos da língua kikongo**. 81p. Dissertação (Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2017.

FERNANDO, Mbiavanga; TIMBANE, Alexandre António. A emergência da normatização das variedades do português de Angola e de Moçambique: avanços e desafios. In: CAMARA, Crisófia Langa da.; TIMBANE, Alexandre António (Org.). **Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique**. Itapiranga: Schreiben, 2022.p. 149-174.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Filol. lingüíst. port.**, n. 9, p. 43-73, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GIMENEZ, Telma et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619, 2015.

GOMES, Silvestre Filipe. **Relações entre língua oficial e línguas locais na escola**: como as crianças de aldeias de Cabinda /Angola aprendem o português e em português. – Belo Horizonte: Faculdade de educação, UFMG, 2014.1-155.

GREENBERG, Joseph H. **The Languages of Africa**. Vol. 25. Bloomington: Indiana University, 1963.

INE. **Resultado Definitivo do Recenseamento Geral da População e da Habilitação de Angola 2014**. Instituto Nacional de Estatística, 2016.

INE. **Plano Estratégico de Desenvolvimento da Educação Especial em Angola 2007-2015**. Ministério da Educação. Luanda, 2006.

INOCENTE, Luntadila Nlandu. **A nominalização em kisikongo (H16)**: os substantivos predicativos e os verbos de suporte **vánga, sála, sá e tá** (faire). 422p. Tese (Departamento de Filologia Francesa e Românica, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2015.

IPOL: **Atlas Mundial das línguas em perigo**. Florianópolis. 2021. Disponível em: <http://ipol.org.br/tag/atlas-mundial-das-linguas/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

KANUSSE, Elias Flores. **Ensino de língua portuguesa no Namibe (Angola):** a educação sobre a perspectiva da interrelação entre língua e sociedade. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia. Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2020.

KONDJA, José. Evaristo. **Reunião do grupo de estudos sobre os povos Khoisan.** 2021.08/09/2021.2021. (2h01m17s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=iIP29Ab4uJA&t=6454s>. Acesso em: 26 mar. 2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola editorial, 2008.

LEITE, Boaventura Ilka; SILVESTRE, Cristine Gorski (Org.), **Kadila: culturas e ambientes: diálogos Brasil- Angola.** São Paulo: Blücher, 2016.

LÚCIO, C. A., & SABBA, C. G. (2015). As atividades culturais e a sala de aula no grupo étnico Herero/Helelo do sul de Angola (subgrupo Mucubal e Muhimba). **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, vol.8, nº2, 271-298, 2015.

MASSOUMOU, Omer. **Les usages linguistiques à Brazzaville: la place du français.** S.d. Disponível em: <http://www.unice.fr/bcl/ofcaf/21/Massoumou.pdf> Acesso em: 01 dez.2023.

MBULAMOKO, Nzenge Movoambe. Etat des recherches sur çe lingala cp,,e groupe lçinguistique autonome. **Annales Arquatoria**, nº12, p.377-406, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25836984> Acesso em: 01 dez.2023.

MIGUEL, Maria Helena. **Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda.** Luanda: Mayamba Editora, 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Lei sobre o Estatuto das Línguas Nacionais.** Luanda, 2004.

MONTE, Domingas. **A canção kongo e ovimbundu: tradições e identidades.** Luanda: INICC/Ministério da Cultura, 2019.

MONTEIRO, Domingas, Henriques. **Tradições nacionais e identidades:** recolha e estudo de canções festivas e de óbito Kongo e Ovimbundu. Porto: Universidade de Porto, 2014.

MUDIAMBO, Q. **Da lexicologia e lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa no II Ciclo do Ensino Secundário:** 10^a, 11^a, 12^a e 13^a classes na Escola de Formação de Professores “Cor Mariae” do Uíje (Angola). 2013. 291f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as Línguas Nacionais no Sistema de Educação em Angola. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa**, Lisboa, vol.31, nº71–89, 2017.

NDOMBELE, Eduardo David. Gestão de multilinguismo em Angola: reflexão sobre o ensino de línguas angolanas de origem bantu na província do Uíge. **VERBUM**. Lisboa, v. 6, n. 1, jan., 2017, p. 33-34.

NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português em contexto dos alunos da zona fronteiriça de Maquela do Zombo-Angola. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol. 1, nº Especial, dez., 2021, p. 355-370.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa universitária - UEM, 2004.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.

NGUNGA, Armindo. Os desafios da investigação linguística em África: o caso de moçambique. **Revista África**. São Paulo, n. 42, p. 86-108, 2021.

NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard. **The bantu languages**. New York: Routledge, 2014.

NZOIMBENGNE, Philippe. **Les 'discourse markers' en lingála : étude sémantique et pragmatique sur base d'un corpus de lingála de Kinshasa oral**. 2017, 373p. Faculté de Philosophie, Arts Et Lettres Institut Langage Et Communication Pôle De Recherche En Linguistique, Université Catholique de Louvain, Louvain-La-Neuve, 2017.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. In: KI-ZERBO, J. (Org.): **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 295-316.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: Do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. Corumbá: **Revista GeoPantanal**, vol.11 nº. 21, p. 59-72, 2016.

OUA Organização de unidade Africana. **Carta Africana Dos Direitos Humanos E Dos Povos Carta de Banjul**. Nairobi: 1981. Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f1aeba5f6c4d711ecbe6e5141d3afd01c/CartaBanjul.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PEDRO José Domingos. **Situação Sociolinguística de Angola - Dr José D. Pedro**. 07/04/2023. 2023. (26m08s). Disponível Em: https://www.youtube.com/watch?v=_5mLIa2VT40&t=331s. Acesso em: 18 out. 2023.

PEDRO, Leonardo. T.; MUSSILI, P. L. **Aspectos sócio-históricos dos povos !kung (khoisan) de Angola**. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol. 1, nº Especial, p.164-188, dez. 2021.

PENHA, Mirian Brito; TIMBANE, Alexandre António. **Análise crítica da política e do planeamento linguístico dos povos khoisan de Angola**. Santa Catarina: UFSC. 2023. (No prelo).

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Etnias de fronteira e questão nacional: o caso dos “regressados” em Angola. **Caderno de São Paulo**. São Paulo, v.10, n. 10, p. 45-62 mar. 2002.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os Bakongo de Angola**: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008.

REDINHA, J. **Etnias e Culturas de Angola**. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1974.

REGO, Sóstenes Valente. **Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em Nyungwe**. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

REIS, V. **Sociolinguística-dinâmica funcional vs problemas funcionais da língua**. Luanda: Editorial Nzila, 2006.

ROCHA, Edmundo. **Angola**: contribuição ao estudo da gênese do nacionalismo moderno angolano (Período de 1950-1964). Lisboa: Dinalivro, 2009.

SACALEMBE, Júlio. **O Silenciamento da língua angolana umbundu**. Instituto de Humanidades e Letras, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, vol. nº1, p. 1-21, 2021.

SACHIZEMBO, João de Albertina Américo Cabeia. A Língua Gestual Angolana (LGA): uma introdução. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº1, p.668-669, jan./jun.2022.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos. **A influência das línguas do grupo bantu na emergência do léxico do português angolano**. Monografia. Instituto de Humanidades e Letras, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde (BA), 2022.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa**: duas pátrias, uma mesma língua? Curitiba: Appris, 2020.

SASSUCO, Daniel Peres; "Pistas essenciais para um português de Angola", In: LEITE, Ilka Boaventura Leite; SEVERO, Cristine Gorski (Org.). **Kadila**: culturas e ambientes: diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016, p.199 -218.

SASSUCO, Daniel Peres. Descrição do aumento em Umbundu (R10). **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p.35-49, jul./dez. 2022.

SASSUCO, Daniel Peres. Pensar na morfossintaxe de substantivos de prefixos zero (Ø) e do prefixo /KU-/ da classe 15 em cokwe (K10). **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.80-102, jan./jun. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LAGARES, Xoan Carlos. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 32, p. 11-27, 1. sem. 2012.

SEIDLHOFER, B. **Understanding english as a lingua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) linguística(s) e questões de poder. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, v.57, p. 451-473, 2013.

SPINASSÈ, K. P. Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, 2006. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/14525028.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2023.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das idéias linguísticas**. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Revista Ciência e Cultura**. São Paulo, vol.57, nº2, abr./jun., 2005.

TIMBANE, Alexandre António; SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; AFONSO, E. V. O português angolano e a variação léxico-cultural no hip-hop: um exemplo com Yannick Afroman. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. Lisboa, vol.36, 103–123, 2021.

TIMBANE, Alexandre António. Políticas linguísticas de internacionalização do português nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa: caminhos e desafios do português africano. **Revista de Estudos de Português Língua Internacional**. Rio de Janeiro, Vol. 2, N. 2, p.187-205, jul./dez.2022.

TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Pires; UNDOLO, Márcio (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas**. São Paulo: Opção, 2021.

UNDOLO, Márcio. E. da S. **Caracterização da norma do português em Angola**. 2014. 330f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2014.

UNDOLO, Márcio. **A norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo**. Caxito, Escola Superior Pedagógica do Bengo, 2016.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Barcelona, UNESCO, 1996.

YALLAFRICA. **Afrique Centrale: Le lingala tire son origine de la langue Bobangi**, 10 fev. 2007. Disponível em: <https://fr.allafrica.com/stories/200702090906.html>

ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 2011. 204f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Artes e Letras, Universidade de Beira Interior, Covilhã, 2011.

APÊNDICE

Questionário para fins acadêmicos- Unilab-Brasil

Meu nome é

Mirian Brito da Penha, estudante do Curso de Letras-Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-(UNILAB), no Campus dos Malês localizado na cidade de São Francisco do Conde, Bahia, Brasil. No âmbito do desenvolvimento da pesquisa intitulada

"A CULTURA E A LÍNGUA LINGALA EM CONTEXTO ANGOLANO: AS FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS", venho por

este meio pedir a sua colaboração no preenchimento do questionário acadêmico que visa coletar dados para elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso. O questionário é composto

por 30 perguntas dos tipos aberta e fechada. Este questionário é destinado para fins acadêmicos, por isso a identidade dos participantes da pesquisa será preservada em sigilo, o que significa que a pesquisa utilizará os dados linguísticos apenas. Por favor, preencha com atenção assinalando ou escrevendo em todos os campos necessários deste questionário. O questionário é especialmente destinado para angolanos QUE FALAM OU ENTENDEM A LÍNGUA LINGALA. O preenchimento do questionário tem a

duração de 20 a 30 minutos e não precisa se identificar. Para dúvidas e esclarecimentos, por favor contactar a autora e seu supervisor pelo Whatsapp +557193738490. Agradeço muito pela sua colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. 1. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

☐ Mulher.

☐ Homem.

☐ Outro: _____

2. **2. Idade ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ de 18 a 30 anos.
- ☐ de 31 a 40 anos.
- ☐ de 41 a 50 anos.
- ☐ de 51 ou mais anos.

3. **3. Escolaridade. ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Primário
- ☐ Secundário
- ☐ Médio
- ☐ Bacharel
- ☐ Licenciado
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutor
- ☐ Sem Escolaridade

4. **4. Em que província e cidade você nasceu? ***

5. **5. Qual é a Província, município e comunas onde se fala a língua lingala? (se conhece mais de um pode indicar)** *

Exemplo: Província do Uige, Município de Maquela do Zombo

6. **6. Qual é a língua que você fala desde os dois anos de idade? ***

7. **7. Qual é a língua angolana que o seu pai conhece ou fala? ***

8. **8. Qual é a língua angolana que a sua mãe conhece ou fala? ***

9.

*

9. Na sua casa, qual é(são) a(s) língua(s) que se fala(m)?

10. **10. Você sabe ler em língua lingala? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM.
- ☐ NÃO.
- ☐ Leio pouco.

11. **11. Assinale o que tem lido frequentemente em língua lingala. ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Bíblia.
- ☐ Jornal.
- ☐ Obras Literárias (poesias, contos, memórias, fábulas, crônicas, romances, etc.).
- ☐ Panfletos Publicitários nas ruas e avenidas, etc.
- ☐ Livros Didáticos .
- ☐ Não leio nada em lingala.

12. **12. Você sabe escrever em língua lingala? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Escrevo pouco.

13. **13. Quando alguém fala em lingala você consegue compreender tudo? ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, entendo, mas respondo em português.
- ☐ Sim, entendo e respondo em lingala.
- ☐ Sim, entendo mas respondo em outra língua angolana.
- ☐ Não, entendo nada.

14. **14. Quem te ensinou a falar em língua lingala?**

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Professores (na escola).
- ☐ Pessoas que moravam na mesma casa comigo.
- ☐ Pessoas vizinhas ou do bairro(amigos, pessoas conhecidas).
- ☐ Apreendi sozinho(a).

15. **15. Com quem você fala em língua lingala? (Assinale várias opções de acordo com a realidade)** *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Pais
- ☐ Avós
- ☐ Irmãos
- ☐ Amigos
- ☐ Tios
- ☐ Primos
- ☐ Colegas de escola
- ☐ Vizinhos
- ☐ No comercio (mercado, loja etc)
- ☐ No trabalho
- ☐ Na igreja
- ☐ Outro: _____

16. **16. Você gostaria de ensinar a língua lingala para outras pessoas, incluindo crianças?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

17. **17. Você gostaria de estudar ou gostaria de ter estudado o ensino primário, secundário ou superior em língua lingala?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

18. **18. Você entende as letras das músicas cantadas pelos músicos angolanos em lingala?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, compreendo.
- ☐ Não compreendo.
- ☐ Compreendo pouco.

19. **19. Você entende as letras das músicas cantadas pelos músicos congoleses em língua lingala?** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, compreendo.
- ☐ Não compreendo.
- ☐ Compreendo pouco.

20. **20. Escreva nomes de 4 cantores angolanos que cantam em língua lingala.** *

21. **21. Escreva nomes de 4 cantores congoleses que cantam em língua lingala.** *

22. **22. Você Tem familiares no estrangeiro que falam a língua lingala? ***

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

23. **23. Gostaria que a língua lingala fosse língua oficial em Angola? ***

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

24. **24. Como você classifica a língua a lingala? Assinale uma ou várias opções: ***

Marque todas que se aplicam.

☐ A língua lingala é uma língua angolana.

☐ A língua lingala é uma língua nacional de Angola.

☐ A língua lingala é uma língua da Republica Democrática do Congo e República do Congo.

☐ A língua lingala é lingua da cultura e das tradições.

25. **25. Na sua família qual é a língua angolana que é usada nos casamentos, nos alambamentos ou outras cerimônias tradicionais? ***

26. **26. No seu bairro qual é a língua angolana que os comerciantes preferem utilizar nas vendas ou para negociação do preço/produtos?** *

27. **27. Você prefere escutar as notícias da rádio em qual língua angolana?** *

28. **28. Você prefere assistir televisão em qual língua angolana?** *

29. **29. No português de Angola há palavras (empréstimos linguísticos) da língua lingala? Se sim, cite algumas.** *

30. **30. Escreva aqui comentários que julgar pertinentes sobre a língua lingala de Angola.**

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários